A CENA MUDA

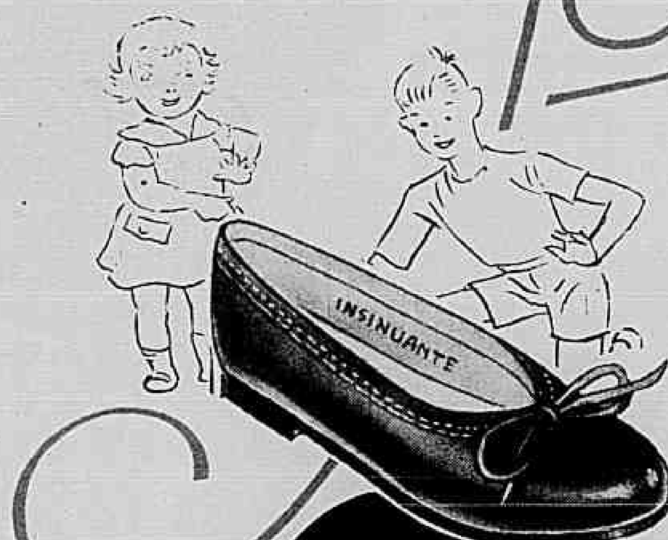
Nº 6 ★ 10-2-54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil



NOVOS MODELOS DE CARNAVAL

Bel-Air

UM PRODUTO FLEXSO



PARA CRIANÇAS
20/27
CR$ 50,00

PARA MENINAS
28/32
CR$ 75,00



LUVAS PARA OS PÉS

CREAÇÃO DE MISTER JAMES



PARA SENHORAS
33/39
CR$ 95,00

Côres Lindíssimas!
CANARIO - VERDE
VERMELHO - BRANCO
ETC. ETC.



É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

AT. SEMOG.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Remetémos para todo o Brasil.
Porte por par, 5 cruzeiros.
Não fazemos reembôlso postal.



«Beau Geste», a versão falada, com Gary Cooper, Ray Milland e Robert Preston.



«Os últimos dias de Pompéia», versão italiana, uma das obras mais filmadas pelo cinema.



«O Conde de Monte Cristo», a penúltima refilmagem francesa, com Pierre Richard Willm e já há uma outra para ser lançada.

haviam sido escolhidos, convidando Palermi para que fizesse uma substituição por Maria Korda e Victor Varconi. Prometendo aceder, Palermi parte para Berlim, para as devidas negociações com os «businessmen» alemães. Lá os nomes de Korda e Varconi agradaram, porém nova exigência fôra feita: acrescentar ao filme um «astro alemão» — Bernhardt Goetzke. Manetti e Diomira Jacobini foram indenizados e quantias fabulosas foram pagas aos novos contratados. Na metade do filme, Palermi é obrigado a deixar a filmagem, cedendo o seu lugar a Carmine Gallone. Assim a película custou nada mais nada menos do que sete milhões.

Em 1937, o tema é refilmado, agora com Micheline Presle e George Marchall. O realizador foi Marcel L'Herbier, realizador responsável, deu-nos um espetáculo razoável, e de grande interêsse para os apreciadores da cinematografia demiliana.

A epopéia napoleana foi freqüentemente vista na tela. Assim na França tivemos em ordem cronológica: «L'Aigle et L'Aiglon», «Le Déjeuner de L'Empereur», «Le Petit Tambour d'Austerlitz», «Josephine de Beauharnais», «L'Enlèvement de Bonaparte», «Josephine, imperatrice et Reine», «Le Duc de Reichstag», entre outros.

Na Itália temos o reverso da medalha, a outra «face» de Napoleão, «Rolando, o granadeiro», que relata tôda a agonia do grande exército que outrora conhecera vitórias.

«Napoleão em Santa Helena» visa o final da vida do corso.

Inúmeros são os filmes em que tenha aparecido ou onde haja citações a respeito de Napoleão.

«1812» é a impressionante derrocada do exército de Napoleão em magníficas imagens, traçando com fidelidade as principais figuras da época numa soberba demonstração artística, teve como realizador Vladimir Petrov. Esta película coloca-se entre as melhores, senão a melhor, entre as que tenham abordado o tema.

Esta rica fonte de inspiração tende ora para a poesia, o romanesco ou o épico. As vêzes é tratada com grandiloqüência.

«O médico e o monstro», de Luiz Stevenson, tornou-se conhecidíssima também através das imagens. É a luta entre o Bem e o Mal, que no silencioso teve como ator o inesquecível John Barrymore. Frederich March, em caracterização impressionante, foi o segundo a viver na tela a cruel luta de «O médico e o monstro».

Já com novas descobertas acrescidas à arte cinematográfica, aparece a terceira versão do romance no cinema americano. Spencer Tracy, com as limitações que possui, criou o personagem com menos vigor do que Frederich March, mas teve assim mesmo grande sucesso entre os costumeiros espectadores dos filemas da Metro. Nessa película, pela primeira vez aparece Ingrid Bergman no cinema americano, num papel pequeno mas muito bem defendido.

«O corcunda de Notre Dame» fôra filmado em Hollywood no tempo do cinema mudo. Lon Chaney, especialista em caracterizações de monstros, viveu magnificamente o personagem.

Mais recentemente «O corcunda de Notre Dame» volta a ser filmado com o excelente Charles Laughton, que tornou-se o ponto mais atrativo do mediano espetáculo. Edmond O' Brien, muito jovem e ainda magro, está quase irreconhecível vivendo o herói, animado pela beleza de Maureen O'Hara.

Joana D'Arc, heroína francesa, teve lugar destacado na cinematografia, constituindo uma fonte temática bastante explorável:

Bebe Daniels foi a primeira a viver a heroína lá por volta de 1918. O realizador de então foi Cecil De Mille. Marco de Gastyne fêz então em 1929, nova versão dêste tema histórico e Simone Genevois teve a honra de viver na tela o drama de Joana D'Arc. Entretanto, a mais famosa, e que constitui uma obra cinematográfica antológica, é «A paixão de Joana D'Arc,

(Continua na pág. 34)



Equilíbrio amoroso perfeito

De LILIAN, exclusivo para «A CENA»

Esta é a melhor definição para o casal Tony Curtis-Janet Leigh. Suas carreiras estão equiparadas: ambos são «astros» de grande sucesso e popularidade, sem serem atores de talento excepcional. Considerados tipos ideais de beleza, masculina e feminina, também não há grande diferença de idade a separá-los.

Tony nunca tinha sido casado, antes de desposar Janet. Ela já tivera três experiências matrimoniais antes de seu casamento com Tony Curtis. Entretanto, declarou, é como se só Tony tivesse existido para ela, pois êsse foi o primeiro casamento que lhe trouxe segurança e felicidade.

Janet veio para Hollywood pela mão de Norma Shearer. Foi a grande atriz, que ao ver o retrato de Janet numa revista, exclamou: «Essa garôta devia estar no cinema!» Daí, para um contrato e o estrelato, foi um pulo. E Janet Leigh, com sua simpatia e sua beleza singela, ficou.

Tony Curtis, em Hollywood à espera de uma oportunidade, confessa que tinha grande preocupação de manter seu estado civil, de solteiro. Sonhava comer eternamente comida enlatada, e ter liberdade de bastante para viajar para a África do Sul quando bem lhe aprouvesse! Seu apartamento era uma desordem constante. Tony não se dava ao trabalho de guardar suas roupas, mas ia espalhando-as pelo chão, à proporção que as ia mudando. A cama só era arrumada no dia de trocar os lençóis. A roupa suja se amontoava, pois êle freqüentemente se esquecia de mandá-la para a lavanderia.

Quando Tony mudou para um apartamento maior, que compartilhava com o então desconhecido Marlon Brando, Jay Kantor e Irving Paley, a desordem não melhorou. Êle e Marlon levantavam-se no meio da noite para ouvir discos e tocar bateria. Êste estilo original de vida parecia o ideal ao jovem Tony Curtis, então.

Veio depois para êle um vantajoso contrato com a Universal, e ei-lo transformado, da noite para o dia, em um ídolo romântico. Foi quando Janet Leigh entrou em sua vida. A princípio, Tony não confiou nela. Convidou-a para sair com êle. Ela pretextou outro encontro. À noite, Tony postou-se de atalaia na porta da casa de Janet, e viu-a sair com o «outro». Esperou que ambos regressassem; quando voltaram, Tony ainda estava vigiando, e pôde ver que o rival não demorou mais do que dez minutos na porta da casa, e ao se afastar não teve o gesto clássico de limpar com um lenço o baton dos lábios. Satisfeito com o resultado das pesquisas, Tony mandou um bilhete para Janet: «Boa menina!».

Passaram a sair juntos freqüentemente, e iam habitualmente à residência do comediante Jerry Lewis, onde Tony era muito querido. Quando finalmente os dois se

Antes de casar com Tony, Janet quase se prendeu com êste.



Janet Leigh, uma das encantadoras «estrêlas» do cinema.



Equilíbrio amoroso: Janet e Tony.





Um passeio ao domingo e o idílio continua.

casaram, pouco depois as revistas se enchiam de boatos sôbre um rompimento entre ambos. Mas a conduta dêles desmentia tôdas essas notícias.

A primeira separação (involuntária) veio quando, depois de dois anos de casados, Tony Curtis foi obrigado a passar cinco semanas no Havaí, filmando em «Beachhead». Justamente então, Janet Leigh perdeu o filho, tão ansiosamente esperado, e Tony não pôde abandonar o trabalho, e ir ficar a seu lado.

Agora ambos já estão em Hollywood, em ação novamente diante das câmaras, ela em «Walking my baby back home», ao lado de Donald O'Connor, e êle em «Johnny Dark».

Um dos poucos pontos em que o casal discorda é a questão das viagens aéreas. Tony é alérgico a elas. «Meu casamento é tão feliz, meus pais vão tão bem, e até meu irmão caçula tem tão boas notas no colégio, que eu prefiro não arriscar tudo isso». Janet não se importa, e voa os «location» sempre que necessário, enquanto Tony vai de trem.

A mais grata lembrança que o casal guarda de tôda sua carreira é, naturalmente, «Houdini», onde trabalharam juntos pela primeira vez. Por essa sua atuação, Tony Curtis foi agraciado com uma medalha especial, da Sociedade Internanal dos Mágicos. E ficou conhecendo diversos passes de mágica, com que hoje diverte os amigos, ou que apresenta em espetáculos de caridade.

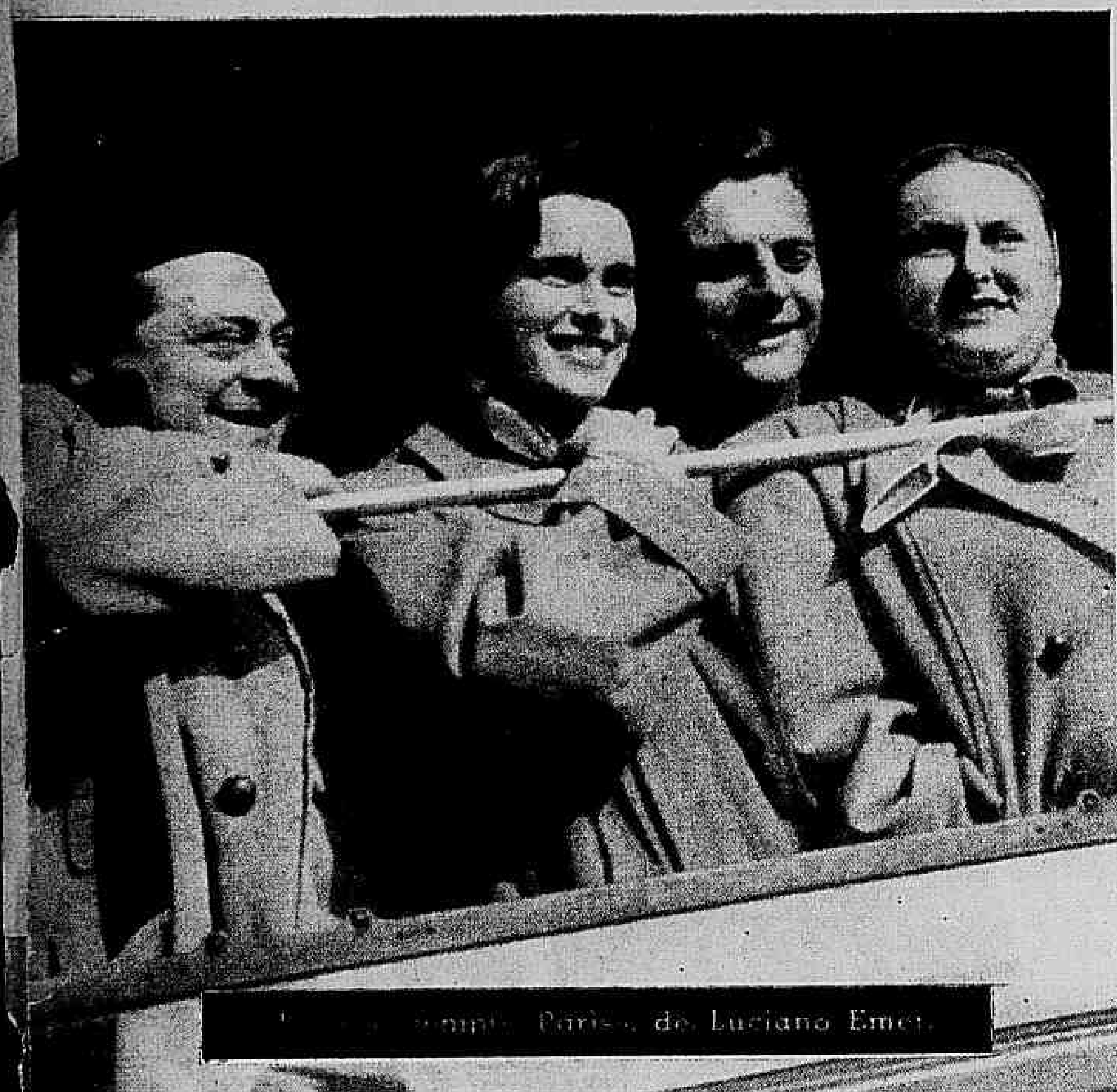
Os fãs sempre se interessam pela vida particular de seus «astros» prediletos. Gostarão, pois, de saber que Tony Curtis, após sua estada no Havaí, declarou que tinha afinal compreendido o quão feliz era sua vida de casado, enquanto Janet repete a frase rotineira de que «desta vez é para sempre». Esperemos que seja mesmo, e que não aconteça com os Curtis o que aconteceu com os Gassmann: Shelley Winters vivia brigando, dizia ela que para ter o prazer de fazer as pazes, e olhem agora o resultado... Em todo o caso, Janet e Tony estão cheios das melhores intenções; pois se até já se mudaram para um enorme casarão, onde possam acomodar tôda a numerosa família que pretende fundar...



CINEMA *italiano*

L. BOLTSHALSER,
exclusivo para «A CENA»

NÃO desejamos hoje fazer um apanhado histórico do cinema italiano, mas falar de dois jovens realizadores que vêm se impondo como dos mais competentes do cinema peninsular: Luciano Emmer e Renato Castellani. Por que exatamente dêsses dois? Simplesmente porque têm realizado um trabalho honesto, desprezando o convencional, e transpondo à tela, com todo o calor, o aspecto humano, num estilo vigoroso e original.



«[illegible] Paris», de Luciano Emer.

No estilo de ambos pode-se mesmo encontrar alguma analogia, na simplicidade de seu cinema e na sinceridade com que conseguem traduzir, para a linguagem cinematográfica, a própria vida, palpitante de intensidade.

Castellani não deve ter ainda quarenta anos. Começou no cinema como cenarista e diretor-assistente, até que em 1941 dirigiu seu primeiro filme, «Duelo», cuja intriga situava-se no século XVIII. Êsse filme, só exibido no Brasil em 1947, despertou a atenção sôbre o jovem diretor que em sua estréia já revelava dons de humorista sutil. O filme seguinte de Castellani, «Zaca», não veio ao Brasil.

Com «Meu filho professor» (1947), Castellani começou a encontrar, não apenas seu estilo, mas também seu tema predileto, retratando fielmente a classe humilde italiana, com suas lutas e aspirações.

«Sob o sol de Roma» foi o primeiro grande trabalho de Castellani. E um dos primeiros exemplos do filme realizado inteiramente com atores não profissionais. O fato de todos os intérpretes serem figuras desconhecidas contribuiu ainda mais para a impressão do realismo dos personagens, e de todos Castellani arranca interpretações convincentes. Acrescendo a isso a veracidade dos ambientes, a linha simples da história, a comicidade partida do modo cínico de Ciro encarar a vida e resolver os «grandes» problemas que se lhe impunham, e a intensidade que Castellani dá ao toque drámatico final, e teremos uma obra-prima do chamado estilo neo-realista.

O último trabalho de Castellani estreado no Brasil foi «E' primavera», que conta, de modo delicioso, a história de um in-



«Dois tostões de esperança», de Castellani.



«Sob o céu de Roma», de R. Castellani.



«Domingo de Verão», de Luciano Emer.

divíduo, não se sabe se cínico ou ingênuo. Êsse complexo personagem não usa das artimanhas de Ciro, o rapazinho de «Sob o sol de Roma», para sair de situações embaraçosas. Êle faz frente a essas situações do modo mais digno possível, aceita as responsabilidades de sua posição de bígamo, e deseja mesmo manter as coisas nesse pé. Seu raciocínio é lógico: as duas moças são excelentes, e portanto, êle não poderia perder de modo nenhum a oportunidade de desposá-las; êle tem a possibilidade de sustentar ambas as mulheres, e pode contentá-las ao mesmo tempo. A diferença dêle para os outros maridos, é que com êle tudo está legalizado e êle possui apenas duas espôsas legais, enquanto outros têm amantes às dúzias... Além do bom-humor com que Castellani contava essa história, havia a caricatura bem apanhada do extrovertido milanês, vivendo entre introvertidos sicilianos.

Aguardamos, agora, com impaciência «Dois tostões de esperança».

Luciano Emmer é um milanês de 35 anos que iniciou sua carreira dirigindo documentários de curta metragem sôbre obras de arte.

Seus atores eram os personagens, mudos e imóveis, dos a-fresco e quadros de Giotto, Bosch, Beata Angelico, Piero della Francesca, Botticelli e quadros de Goya. Tomando êsses personagens de planos diferentes, análogos aos das filmagens comuns, e com o inteligente artifício de uma montagem audaciosamente ritmada e dinâmica, Emmer conseguiu dar-lhes voz e movimento, exprimindo assim o que o pintor tinha fixado estèticamente sôbre a tela. E Emmer foi o primeiro a sublinhar com sua câmara as intenções do artista, colocando a pintura dos grandes mestres ao alcance da massa. Dêsses trabalhos de Emmer, dois — «O caminho de Damasco», a vida de São Paulo evocada através de estátuas e um outro sôbre a pintura dos primitivistas — foram exibidos no Festival Mundial de filmes de curta-metragem do Brasil.

Seu primeiro filme de longa-metragem, «Domingo de verão», data de 1949. Retratava com fidelidade as atribulações de um domingo passado na praia, por diversas classes da sociedade romana, desenvolvendo marginalmente uma história na cidade, um romance entre uma camareira e um inspetor de tráfego, e um assalto a um matadouro. Nesse, como nos trabalhos posteriores de Emmer, o que mais delicia é a leveza com que êle aborda o assunto, a expontaneidade, o pitoresco e a veracidade de seus personagens. E' uma despreocupação juvenil que caracteriza tôda a sua obra.

«Paris é sempre Paris», seu segundo trabalho, exibido há poucas semanas no Distrito Federal, narra a «descoberta» de Paris levada a cabo pelos membros de uma delegação italiana que vai à capital francesa assistir a uma partida internacional de futebol. Sem a mesma veia cômica de «Domingo de verão», ainda assim Luciano Emmer revelava agudeza e o filme resultou num espetáculo agradável.

Já «As garôtas da praça de Espanha» pertencia a um nível muito mais elevado, pois a par da comicidade e da sinceridade, Luciano Emmer mostrava-se muitas vêzes, um poeta cheio de lirismo. Novamente a rotunda Ave Ninchi cercada de filhos por todos os lados, preocupada com a coqueluche da caçula e o namôro da filha mais velha (Lucia Bosè), o jóquei que tem complexo por causa da estatura, dando margem a muita hilariedade, e o drama que encerra a história de Helena, intenso na medida certa, sem exageros.

Com a mesma senbilidade e agudeza de percepção com que Emmer descobriu as telas dos mestres da pintura, dando um sôpro de vida às figuras mortas, assim êle lida com a vida, apresentando-a na tela tal como ela é, sem grandes alegrias, e sem grandes tristezas de «rasgar o coração».

Lamentàvelmente para nós, Emmer anunciou recentemente sua decisão de voltar ao cinema documentário. Não que a sua contribuição nesse setor seja menos importante, mas é que para nós, pobres espectadores de cinema, sua carreira fica assim definitivamente encerrada. Foi por um acaso que conseguimos ver seus antigos documentários. E' pouco provável que a felicidade se repita.

ROSTOS de



A beleza doce e triste, da criatura infeliz: Michele Morgan.

DE MARIA HELENA
Exclusivo para A CENA

A câmara cinematográfica tem registrado tamanha variedade de tipos de mulher que uma enumeração completa seria algo cansativo, penoso ou até mesmo impossível. Dentro desta grande variação, sôbre qual tipo de mulher recairia a preferência do leitor?

No tempo do cinema mudo, havia dois tipos predominantes, eram por assim dizer antônimos, cuja linha divisória era imensa e ia de um extremo a outro: a ingênua e a vampe. Entre as ingênuas contavam-se moças que vinham para a cidade; as que sofriam com a intolerância paterna; as que possuíam uma cunhada, uma sogra ou uma madrasta de má índole procurando as melhores maneiras de torturar a infeliz; as enganadas ou as exploradas compunham um vasto batalhão e eram geralmente as tragediadas da tela. Liliam Gish foi uma legítima representante do tipo.

As vampes, o outro extremo, eram as mulheres fatais, possuidoras de grande poder de sedução e tornavam-se por isto, frias, cruéis, dominavam logo uma dúzia de homens e causavam a ruína ou provocavam o seu suicídio. Cheias de estranha beleza, o maquilador as tornava misteriosas usando muito carvão em volta dos olhos, e eram vestidas horrìvelmente com trajes orientais estilizadíssimos. Assim foi Theda Bara, a primeira e uma das maiores vampes do tempo do mudo. Até então a gama de tipos entre êsses dois extremos não era muito extensa.

Atualmente o tipo mais freqüente é o da mulher que ama. Entre essas há as casadas que adoram o marido ou . . . encontram fora do lar uma paixão irresistível. Mas, em geral, principalmente no cinema americano, não é permitido, por pior que seja o marido, qualquer romance fora do lar . . . (para a mulher, é claro!).

No cinema inglês Celia Johnson, no extraordinário «Brief Encounter», de Lean, encontra um grande amor extra conjugal, mas prêsa ao meio ambiente, acorrentada aos preconceitos da pequena burguesia inglêsa, não realizará êste amor e encontrará como único alívio a renúncia . . .

Já em «Maclóvia», Maria Felix, possuidora de grande beleza, é cobiçada por muitos dos que habitam a aldeia de índios; como um verdadeiro poema de amor, o filme leva a heroína, depois de vencidos imensos obstáculos, aos braços do amado. Columba Domingues, em «Pueblerina», renuncia ao homem amado acreditando agir honestamente pois fôra anteriormente violentada por outro mas, o amor inquebrantável, como a mais dura das rochas, acaba vencendo!

São os tipos de mulheres simples e honestas que, sem outro interêsse, deixam-se levar pelo amor de um homem também simples e honesto.

Anne Baxter foi a espôsa dedicada de Glenn Ford quando êste encarnou na tela o desportista Ben Hogan. Susan Hayward, apesar de dominadora, foi a boa espôsa de Gregory Peck em «As neves do Kilimandjaro». Uma série de espôsas modelos poderia ainda ser citada. Há as que possuem um marido cínico, viciado, ladrão, imbecil, cafageste mas que continuam repetindo «até que a morte nos separe» . . .

A prostituição encontrou no cinema uma espécie de espelho, vendo-se com grande freqüência histórias de prostitutas. Assim Viviane Romance, em «Maya», é o tipo convencional como Simone Signoret o foi em Dedé D'Anvers.

Martine Carol, em «Os amôres de Carolina», entrega-se segundo as circunstâncias: para fugir, para ganhar algum dinheiro ou para passar o tempo . . .

No cinema americano é freqüente ver-se a prostituída que se regenera e que casa ou a que amando encontra a regeneração. É o caso de Loretta Young em «Por tua causa».

Há o tipo enigma, que provocará na mente do espectador sempre uma interrogação, e jamais saberemos o que foi realmente a personagem. Assim viveu Olivia de Havilland em «My Cousin Rachel».

A jovem tôda bondade e pureza também tem um encontro com o amor, Ulla Jacobson muito amou e sofreu em «A última felicidade». Também Ava Gardner, um tanto misteriosa, encontra o amor na figura de Gregory Peck em «As neves do Kilimandjaro». Claire Bloon é a dedicação, a gratidão de «Limelight», que resiste

MULHER

ao amor verdadeiro, pensando ferir o seu antigo protetor.

A beleza doce e triste, da mulher infeliz, dominada por algo que a prende e a impede de amar teve como digna representante a belíssima Michèle Morgan, infeliz em «Sinfonia Pastoral» e ainda em «Cais das sombras».

O cinismo e a jovialidade, ou mesmo a indiferença escondem um coração sensível, é um tipo que aparecia outrora muito freqüentemente, e geralmente era encarnado por uma figura graciosa e pequenina como Simone Simon em «Mulheres sem nome».

O tipo enigmático foi vivido por Ursula Thiess em «Monsoon», há a mulher sexo — Clara Calamai, magnífica em «Obcessão», ou débil mental em «Flor do Pecado», com Odile Versois.

Há o tipo choroso da mulher que tanto sofre que chega a enjoar — Valentina Cortese em «Mulheres sem nome».

(Continua na pág. 34)



A criatura venal, que se entrega ou faz questão de aparecer despida: Martine Carol.





A beleza plácida e dominadora, que sempre vence: Maria Felix.

A pureza e dedicação: Claire Bloom — «Luzes da Ribalta».



A mulher que sofre demais: Valentina Cortese, em «Mulheres sem nome».



CURIOSIDADES e "CLOSE-UPS" A BARBA NO CINEMA

De MARIA LUIZA, exclusivo para A CENA

Kirk Douglas com a barba de «Ulisses» e Robert Taylor com a de «Ivanhoe».

A galeria dos barbados da tela já é muito extensa, e cada dia um novo ator passa a figurar nela, aderindo à moda e adornando seu queixo com uma bela barba, hisurta ou não.

Ùltimamente até Charles Boyer, que não permitia nem mesmo um bigodinho maculando seu rosto, deixou crescer uma bela barba branca para seu papel do ancião de «Cartas venenosas». Além da barba branca de Boyer, e das infindáveis barbas pretas do cinema, há uma vermelha, que Everett Sloane exibiu em «Ave do paraíso». E até uma azul, colorida com um magnífico «gevacolor» de Pierre Brasseur, em «A favorita do Barba-Azul».

E Kirk Douglas, tantos meses passou barbado, filmando «Ulisses», que já não mais conseguia lembrar-se de sua fisionomia imberbe.

Poucos são os atores que não usaram barba no cinema, ainda que uma vez. Com Orson Welles, a coisa já se torna monótona: êle anunciou aos amigos que dará, por ocasião de sua milésima barba, um coquetel monstro.

A nota mais original foi dada pelo cinema britânico: o diretor J. H. Chase procura febrilmente uma mulher barbada, que estrelará seu filme «A carne da orquídea».

A única vez que a barba teve um papel importante num filme, foi em «Ivan, o terrível», de Eisenstein. Aí a barba ponteaguda do czar figurava com uma função estética, sendo aproveitada em diversos quadros para composições de grande efeito.

Geralmente a barba aparece num filme meramente para dar côr local, ou para situar geogràficamente a ação. Os russos são barbados por convenção; nada pois, como uma barba exuberante e um gorro de astracã para evidenciar que o filme se desenrola na Rússia.

Mas, ainda que a contribuição da barba ao cinema, ou do cinema à barba seja nula, o número elevado de barbas cinematográficas já permite um agrupamento, uma classificação:

1) A barba campo-de-batalha — não é pròpriamente uma barba, mas uma ameaça de barba, que começa a despontar. São imprescindíveis nos filmes de guerra, quando as coisas se tornam pretas nas trincheiras. («Um passeio ao sol», «Também somos sêres humanos», «Heróis da retaguarda»). O herói barbeado é um indício de que a situação se aclarou.

2) A barba-floresta — florida e empoeirada. Dos náufragos (Benn Gunn de «A ilha do tesouro»), dos prisioneiros («O conde de Monte Cristo»), dos mendigos («Deus lhe pague»).

3) A barba agressiva — dura e espetada. Faz parte do uniforme dos piratas cinematográficos. («A ilha do tesouro», «O pirata dos sete mares»).



Michel Simon, um dos mais assíduos «barbados» do cinema.

4) A barba histórica — ornamenta apenas o queixo; bem talhada e com três bicos («Henrique VIII», e dos cavaleiros medievais de «Ivanhoé» e agora de «Os cavaleiros da Távola Redonda»).

5) A barba postiça — propositadamente mal feita (dos filmes dos irmãos Marx, e das comédias de Bob Hope).

6) A barba científica — para dar seriedade e causar efeito. (Aparece em meio a alambiques e profetas, na história de algum gênio da ciência).

7) A barba pintada — feita a carvão, para enganar os espectadores míopes. (A do herói de «A pantera negra»).

E para dar uma idéia da importância da barba na carreira de um ator, aqui vai uma frase de Pierre Brasseur: «Quanto mais estou dissimulado atrás de uma barba falsa, mais eu represento, mais eu ponho tudo na conta do personagem. Com uma barba colada no queixo, eu não penso mais do mesmo modo».

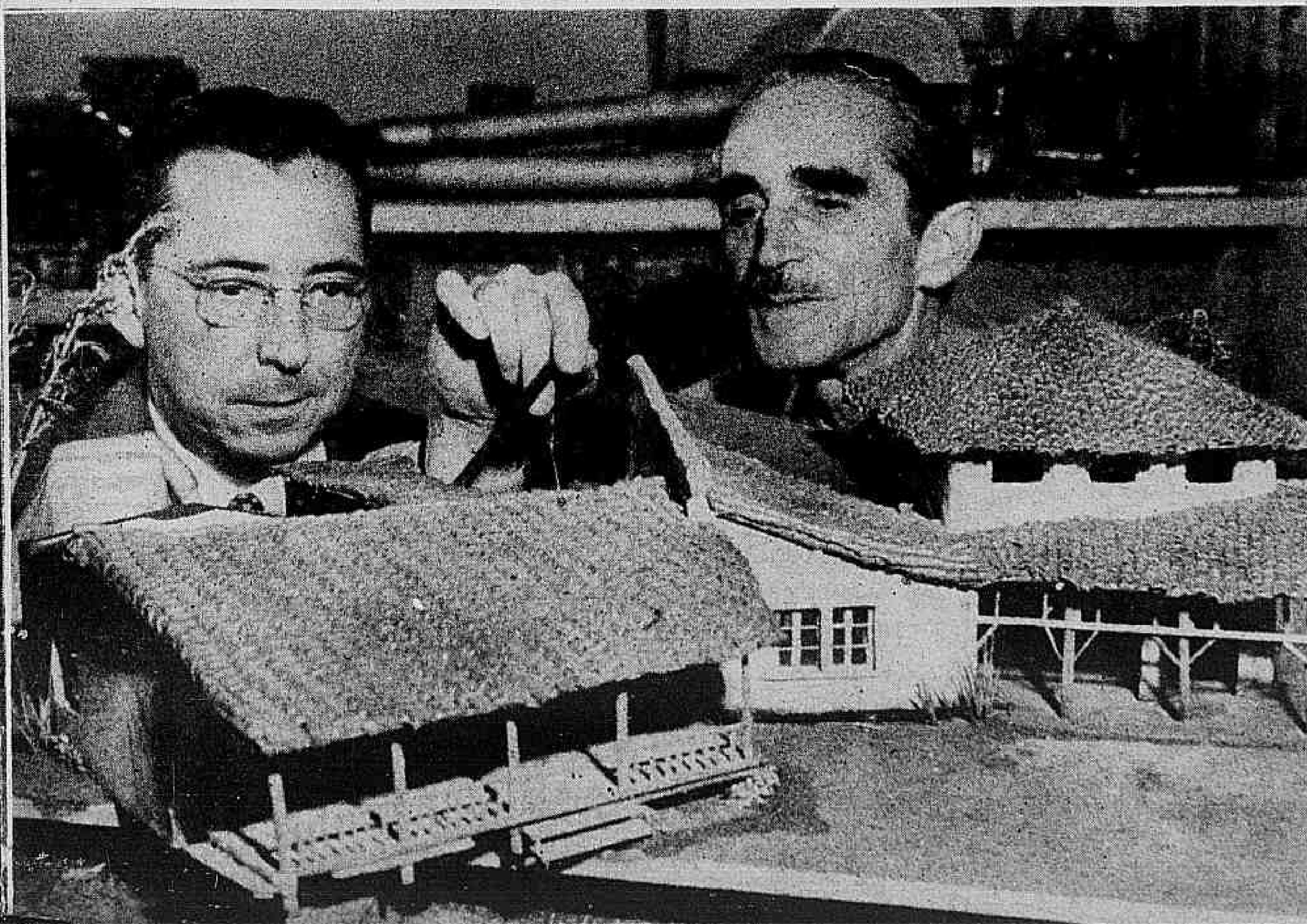
E então?

POR LONG-SHOT:

SEGRÊD DA TE



Acima, mais um excelente exemplo da tela transparente. No próprio estúdio é decorado um «set» cujo primeiro plano simula uma montanha. Enquanto o «mocinho» e a «mocinha» tragediam a cena, atrás da tela de vidro, o operador projeta um filme de avalanche de pedras e a ilusão está completada.



Por vêzes, as miniaturas (models) são pequeníssimas e, conforme pode ser visto na ilustração ao lado, até parecem brinquedos de criança. O técnico em trucagens do estúdio da Warner explica ao brasileiro Ari Lima, atualmente supervisor desta emprêsa no país, os recursos técnicos que permitirão acreditar que sejam efetivamente construções.

ocidente e...



Os gestos sao semelhantes porém os trajes variam. Enquanto Virginia Mayo, da RKO, preferiu o espetacular, a novel «estrêla» da Metro, acima, optou por algo mais discreto e elegante, para seletos ambientes.

oriente



Novamente Virginia Mayo, em uma Cleopatra à moda de Samuel Goldwyn e Ava Gardner, sempre com a sua misteriosa expressão.

CINEMA BRASILEIRO

Por SONIN, exclusivo para «A CENA»



LIANA DUVAL

LIANA DUVAL DESEJA ATUAR EM PAPÉIS CÔMICOS

Liana Duval estêve no Rio e teve ocasião de avistar-se com "A CENA". A atriz nos acolheu com grande simpatia e foi logo dizendo:

— "Vou participar de um desfile de atrizes em Quitandinha. E' uma oportunidade e uma nova experiência. Aproveitarei a ocasião para descansar um bocado".

Falou-nos, em seguida, de seu passado artistico. Muita luta teve que empreender para conseguir o seu primeiro papel de importância; galgou os degraus por etapas de sacrificio. Seu aparecimento, ao contrário do que ocorreu com diversas "estrêlas", não foi súbito. Fêz e estudou teatro na escola mantida pelo TBC. Foi figurante e atuou em diversos papéis. Carlos Thiré a viu, gostou e convidou-a para participar de "Nadando em Dinheiro", sua primeira oportunidade. Atuou em seguida em "João Gangorra" por ela mesma reputado o melhor desempenho de sua carreira. "Uma vida para dois" e "O Crack", foram os filmes que se sucederam.

Atualmente os estúdios paulistas estão fechados. Os atores, profissionais vêem-se num dilema penoso. A situação que se dizia "temporária" está durando muito. Liana Duval como muitos atores de maior e menor prestigio aguardam o reinicio das atividades dos estúdios. A situação reveste-se de caracteristicas especiais quando o artista não está atuando em rádio, televisão ou integrado em elenco teatral. Muita gente já cogita de abandonar a carreira.

— "Um dos erros do cinema brasileiro foi contratar diretores incompetentes que nem sequer estavam familiarizados com nossa língua e nossos hábitos. Com diálogos falsos não há Ingrid Bergman que sobreviva. Evidentemente que temos de contribuir com nossa capacidade interpretativa mas que podemos fazer quandò o nosso menor movimento é determinado por um mau diretor. Prefiro não ser dirigida e acredita seria capaz de atuar melhor que sendo orientada. Os diálogos devem ser condicionados à linguagem do "todo-dia" do contrário soarão falsos e inconsistentes. O cinema, além disso, deve humanizar-se, criar estrutura e colhêr seus temas na vida brasileira".

Ventilamos a hipótese de permanecerem os estúdios fechados por muito tempo; que faria nesta circunstância:

— "Teatro, teatro dramático ou de revista; televisão só em último caso. Qualquer papel que aparecer, desde os mais insignificantes aos de maior projeção, estou sempre disposta à representar. Neste sentido não tenho vaidades. Amo a arte em si e não o prestigio que ela nos traz, embora êste seja prova de aceitação pública mais lisonjeira que uma "estrêla" pode desejar. Nós não devemos nem podemos imitar Hollywood; aquilo é um meio e êste aqui é outro inteiramente diferente. Simplicidade gente! Devemos ser brasileiros, nas atitudes e seremos autênticos".

Liana Duval é atriz dramática. Deseja papéis cômicos pois a arte não se dissocia da versatilidade.

7 dias em REVISTA

Para não passar fome, Lima Barreto foi para a televisão, onde já trabalham Ilka Soares, Ruth de Souza, Jardel Filho, Cacilda Becker e tantos outros. Representando o Brasil vão ser exibidos, segundo nos consta: "Rua sem sol", "Canto do mar" e a última produção da Vera Cruz: "Candinho", cujo lançamento deu-se em São Paulo. Os estúdios parados estão à espera de uma providência que não vem. Na Kino Filmes concluiu-se as filmagens de "Mulher de verdade" e será iniciado "Mistérios de São Paulo". No Rio, lançou-se "Luz apagada", sem maior repercussão, enquanto jovens idealistas organizam uma equipe onde talento, fibra e iniciativa vão fazer filme. Sôbre isso noticiaremos com mais detalhes brevemente. Prosseguem as filmagens de "Contrabando". Depois dêste, Batalin irá provàvelmente ao Rio Grande do Sul integrando o elenco de "Negrinho do Pastoreio", reencontrar a direção de Salomão Scliar. Os cine-clubes rareias as atividades, assim mesmo foi apresentado "Boulevard do crime" pelo Cine-Clube Chaplin. A Esso realizou e exibiu um filme colorido denominado "Aspectos do Brasil"; o responsável pela "tragédia" chama-se William Hahn; o filme é cedido por empréstimo às associações interessadas. "Nem Sansão, nem Dalila" foi lançado em "avante-première", recebendo os artistas e o filme uma acolhida lisonjeira do público presente à esta apresentação. A pelicula que Alipio Ramos produz atualmente chama-se "Marujo das Arábias". Nela atuarão Ankito, Afonso Stuart, Roberto Duval; história de Hélio Barroso sôbre as atrapalhadas em que um marujo se vê metido. Direção de Eurides Ramos. Ao contrário do anunciado, não foi concluído o filme "Nobreza Gaúcha", de Mancini; saiu briga e a turma voltou amuada depois de perder tempo e dinheiro — que em todo caso é sempre melhor que se ganhar um mau filme.

Allied Artists International - Columbia Pictures - Metro Goldwyn-Mayer Pictures - Paramount Pictures - Republic Pictures - RKO Radio Pictures - 20th Century-Fox Film - United Artists - Universal International - Warner Bros. Pictures.

★

"Motion Picture Association of America"

tem a honra de anunciar sua participação no

II FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DO BRASIL

a ser realizado em São Paulo de 12 a 26 de Fevereiro



HOW TO MARRY A MILLIONAIRE (Como Agarrar Um Milionário) CinemaScope-Technicolor 20th Century-Fox

THE GLENN MILLER STORY (Música e Lágrimas) Tela Panorâmica - Technicolor - Universal International

HONDO (Caminhos Ásperos) Terceira Dimensão - Warnercolor - Warner Bros.

ROMAN HOLIDAY (A Princesa e o Plebeu) Tela Panorâmica - Paramount Pictures

JULIUS CAESAR (Júlio César) Tela Panorâmica - Metro Goldwyn-Mayer

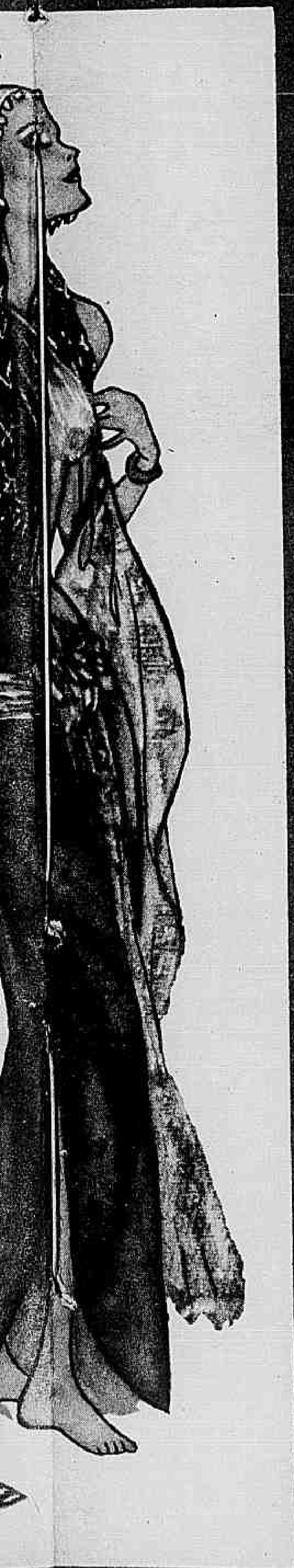
COMPLEMENTOS

Water Birds (Walt Disney RKO-Radio) - Conquest of Ugava (RKO Radio) - Johann Mouse (Metro Goldwyn Mayer) - Bully For Bugs (Warner Bros.) - Dance of the Deep (CinemaScope - 20th Century Fox) Tell Tale Heart - Christopher Crumpet - Unicorn in the Garden (Columbia).


Da

alila e sua Côrte

Com absoluta exclusividade para «A CENA» apresentamos os desenhos idealizados pelo argentino Both Velez para as principais personagens do filme inédito: «Nem Sansão, nem Dalila».







A



Penrod, o inescrupuloso advogado, é morto.

ELENCO:

Johnny Kelly .... **GIG YOUNG**
Sally Connors
«Cara de Anjo» ...... **MALA POWERS**
Hayes Stewart .... **WILLIAM TALMAN**
Penrod Biddel .... **EDWARD ARNOLD**
Joe Chicago .... **CHILL WILLS**
Lydia Biddel .... **MARIE WINDSOR**
Kathy Kelly .... **PAULA RAYMOND**
Sgt. John Kelly, Sr. .... **OTTO HULETT**
Gregg Warren .... **WALLY CASSELL**

FICHA TÉCNICA:

Produtor Associado e Diretor:
JOHN H. AUER

Título original: **«City that Never Sleeps»**

Um filme REPUBLIC

Johnny, o homem que desejava trocar de vida, e a sua espôsa, Sally.

Cidade Que Não Dorme



Lydia tinha Johnny nas mãos e se delicia com uma pretensa cena de amor. de amor.



Afinal, o reconhecimento do verdadeiro afeto.

CHICAGO, a cidade que jamais dorme, deu ao jovem policial Johnny Kelly tudo aquilo que a maioria das pessoas almeja além da vida. O movimento da vida agitada dos seus habitantes, a sua sordidez, os seus crimes, as suas luzes ofuscantes, ofereceram-lhe uma boa quantidade de sensações. Os longos serviços prestados por seu pai à fôrça policial e o seu próprio registro como polícia eram excelentes. Além disso, sua espôsa, a atraente Kathy, ama-o deveras e procura tornar ditoso o seu casamento.

Acontece, porém, que Johnny se acha fatigado de tôda essa bondade familiar. Sente-se meio asfixiado. Lamenta que o seu progenitor o houvesse feito ingressar nas fôrças policiais e está cansado de ouvir a sogra repetir-lhe sempre que Kathy, com o seu emprêgo, ganha mais do que êle na polícia. Tem vontade de fugir, em companhia de uma bonita bailarina, Sally «Cara de Anjo» Connors, e iniciar vida nova num lugar bem distante dali.

A noite em que Johnny, finalmente, se resolve a romper com o passado, começa pela forma rotineira, mas a sua ação principia a acelerar-se quando êle entra em negócios com o advogado criminal Penrod Biddel, que é quem vai financiar a sua fuga com Sally. Em troca da quantia de cinco mil dólares em dinheiro, Johnny concorda em transportar Hayes Stewart, um capanga que Biddel havia até então utilizado nos seus desonestos trabalhos. Agora se quer ver livre por algum tempo, para o outro lado da fronteira, isto é, para o Estado de Indiana.

O plano traçado por Biddel para libertar-se de Stewart vem, entretanto, a ruir. Em lugar de ser simuladamente aprisionado por Johnny Kelly, em flagrante, roubando o cofre do escritório de Biddel, Stewart, em companhia de Lydia, a formosa espôsa dêste, arromba o cofre do seu lar e procura fazer chantagem com Biddel. Para não ser obrigado a aceitar a proposta que o chantagista lhe propõe, Biddel saca de uma arma de fogo e é assassinado por Stewart.

A fim de não ser prêso por êsse crime, Stewart decide valer-se do plano que Lydia lhe revela, sôbre o acôrdo feito para Johnny Kelly transportá-lo até o outro lado da linha divisória estadual. Imagina que, submetendo-se a uma prisão simulada por Johnny, poderá sair da cidade encoberto e mais tarde, então, pensará em algum jeito para livrar-se do policial.

Stewart, acompanhado de Lydia, dirige-se ao Clube Flamingo, onde trabalha Sally, a fim de entrar em contato com Johnny; mas em vez de encontrar-se com êste, a quem não conhece pessoalmente, encontra-se com o seu pai, sargento John Kelly Sr., que ali fôra na esperança de ver o filho e de persuadi-lo a não abandonar o seu pôsto na polícia.

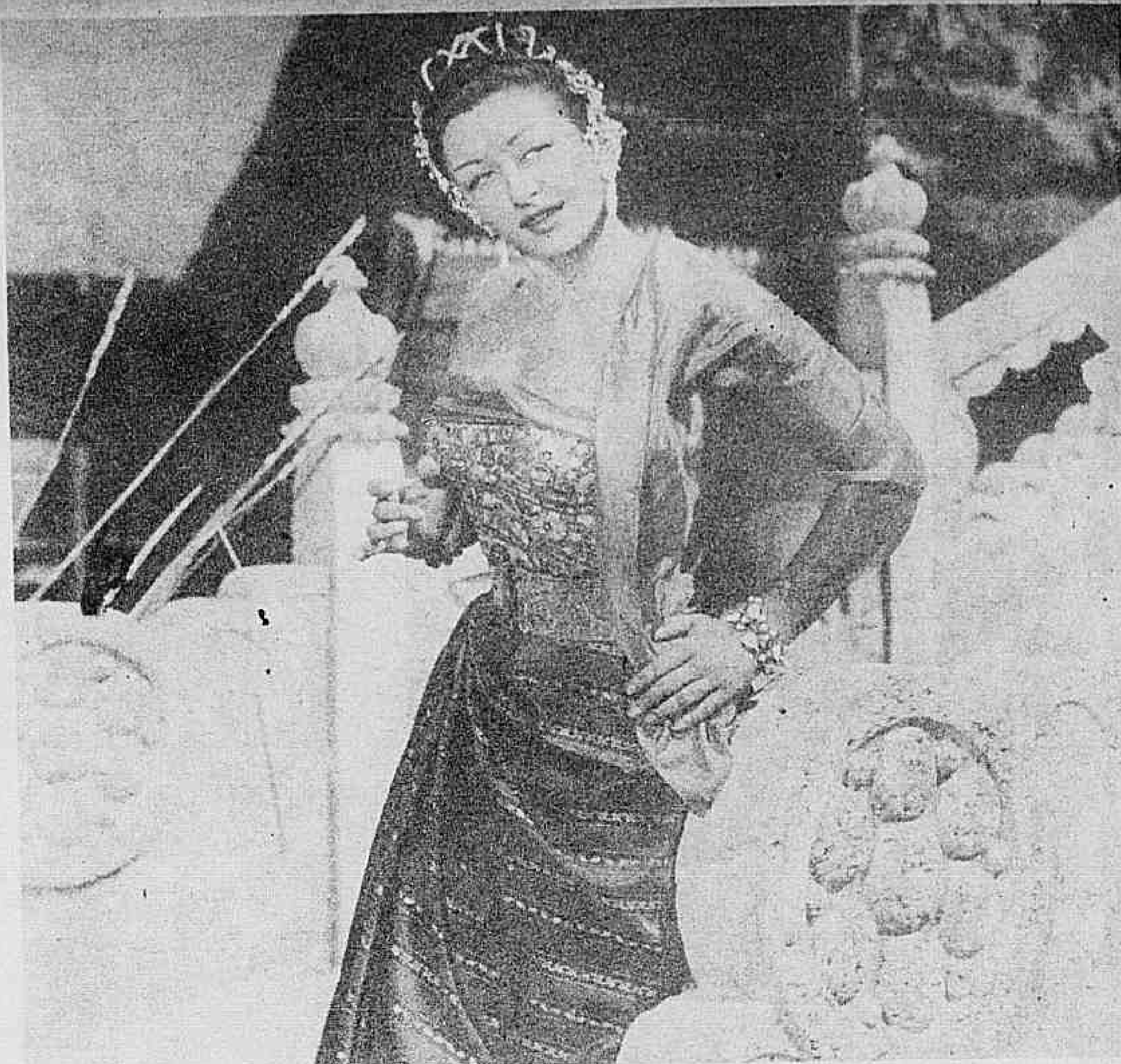
Stewart toma John Sr. pelo John Kelly, que Lydia lhe dissera haver feito um acôrdo com o seu marido. No tiroteio que se segue à tentativa de Stewart de fugir a uma voz de prisão simulada, e de Lydia denunciar Stewart como o assassino de seu espôso, John Kelly é assassinado.

Stewart foge e segue Lydia na rua, fora do Clube, até assassiná-la com o maior sangue frio. Gregg Warren, um artista arruinado que, vestido de «homem-mecânico» permanece imóvel na vitrina do Clube, assiste a êsse crime e conta-o a Johnny quando êste chega e recebe a notícia do assassinato de seu pai.

Tôda a polícia de Chicago é posta em ação para a captura do criminoso, mas Johnny, trabalhando isoladamente, atira-se à caça de Stewart pelas vilas escuras da cidade e pelos telhados. Consegue finalmente apanhar o criminoso após uma corrida, que o deixa todo ofegante, através das linhas do trem suspensas. Trava-se até uma luta de vida ou morte entre o jovem policial e o criminoso, luta essa que é vivamente iluminada pelos holofotes dos carros policiais e pelo uivar das sirenes. Por fim, Stewart vem a falecer no terceiro trilho, de elevada carga de eletricidade, e o trabalho de Johnny como vingador de seu progenitor está terminado.

O choque experimentado algumas horas depois por Johnny, na sede da corporação, ao saber que seu irmão Stubby, de apenas dezessete anos, havia sido o alvo que Stewart desejara atingir nos acontecimentos da noite, confirma a sua resolução de permanecer no seu pôsto e esperar pelo que, no futuro, Chicago tenha para lhe oferecer. Sally já resignada com a perda dos seus lindos sonhos de fuga, concorda em casar-se com Gregg Warren, o «homem-mecânico». Ao despontar a alvorada sôbre a cidade que nunca dorme, Johnny, um jovem policial arrependido, dirige-se para o seu antigo lar, onde sua dedicada espôsa, Kathy, o recebe de braços abertos e êle se sente humilde.

Brincando com o Passado



Deborah Keer, em frente a um espelho, favorece a visão de minúcias de um dos seus trajes de «Quo Vadis».

Vera Ralston e a sua fantasia oriental do filme «Escuna do diabo», da Republic.

Jean Simmons em «Rainha mártir», mais uma evocação do reinado de Henrique VIII.









Arlene Dahl com os trejeitos de odalisca que faz no filme «Adagas do deserto».

Marina Bert com a sua caracterização de escrava romana de «Quo Vadis».

Hedy Lamarr com um discreto e elegante traje oriental.



de todo o mundo

(Serviços especiais para «A CENA», coordenados por L. BOLTSHALSER)

Piper Laurie gosta de fazer os próprios guizados neste moderno e transportável aparelho.

P.100.

ESPANHA

A dinâmica «estrêla» inglêsa Kay Kendall, cujo solo de trombeta no filme «Genoveva» vai desencadear o riso dos espectadores do mundo inteiro, será Narriman, a ex-espôsa do ex-rei Faruk num filme em côres que Gregory Ratoff realizará na Espanha, inspirado na vida do monarca deposto. O próprio Ratoff interpretará o papel de Faruk.

HUNGRIA

«Fan Fan la Tulipe», o famoso filme de christian-Jaque, que tem por principal intérprete Gérard Philippe, vem fazendo carreira de sucesso nas telas dos dois principais cinemas de Budapest. O partido dos trabalhadores húngaros, como a imprensa, não têm poupado elogios à película na qual viram como uma mensagem do povo francês ao povo húngaro.

HOLLYWOOD

Provocou grande confusão nos estúdios da Metro uma carta — de um louco? — avisando que uma bomba de ação retardada tinha sido colocada lá, e que explodiria às dez horas da manhã de um determinado dia. Pesquisas ativas não trouxeram nenhum resultado, mas os trinta policiais que procuravam a bomba tiveram sua recompensa: viram trababalhar Gene Kelly, Howard Keel, Cyd Charisse, Jane Powel que não interromperam as filmagens, como se nada tivesse acontecido.

(Cont. na pág. 33)

EGITO

A equipe americana de «Vale dos reis» já está em ação. Para as filmagens, chegaram os astros da película, Robert Taylor, Eleanor Parker, Carlos Thompson e Kurt Kasznar, depois de uma acidentada viagem aérea.

FRANÇA

Encontra-se em Paris o «astro» cinematográfico inglês, Richard Todd, a fim de interpretar um dos papéis principais do filme de «sketches», «Le cinquième lit». Nesse filme, dirigido por Henri Decoin, Todd terá por companheira. a nova «estrêla» francesa Jeanne Moreau.

Também Kirk Douglas passa uma temporada em Paris, mas com o fito exclusivo de divertir-se. Uma vez terminadas as filmagens de «Ulisses» em Roma, Douglas barbeou-se, e voou para Paris, onde agora é visto em tôdas as premières e cabarets.

Mouloudji, o «astro» de «Somos todos assassinos», tem horror às viagens aéreas. E agora êle se vê em dificuldades para conciliar sua carreira de cantor com a de ator cinematográfico, sem usar o avião. Tendo que cantar em Bobino, filmar em Paris, Mouloudji estuda ainda ofertas para cantar em Bruxelas, Roma e Genebra.



Larry Parks beija Elizabeth Taylor e ela acha uma graça enorme nisto!

CENA FINAL

morreu SIDNEY GREENSTREET



Sidney Greenstreet, um dos bons atores característicos dos últimos anos, cuja morte merece uma profunda homenagem.

MORREU Sidney Greenstreed. Com êle desaparece, não apenas umator eficiente, mas de certo modo um estilo de filme que marcou uma época do cinema, do qual êle, com Humphrey Bogart e Peter Lorre eram os remanescentes. Os anos da guerra, quando a Warner descobria John Huston e Jean Negulesco, e fazia realizar bons filmes policiais onde Greenstreet, Bogart e Lorre eram silhuetas obrigatórias. Os dois últimos continuaram suas carreiras cinematográficas em gêneros diferentes, mas Greenstreet desapareceu juntamente com aquêle tipo de filme. Por isso, êle mais do que os outros, caracteriza aquêle período, que se encerrou em 1945 com o excelente «Três desconhecidos» de Jean Negulesco. Depois daquela atuação, Greenstreet apareceu apenas mais uma vez no cinema, num papel inteiramente diverso daquele que nos habituáramos a vê-lo desempenhar. Foi em «Caminho da redenção», um filme estrelado por Joan Crawford, deixando-nos uma pálida impressão, nessa sua última atuação para o cinema.

Sidney Greenstreed nasceu no condado de Kent, na Inglaterra, a 27 de dezembro de 1879. Fêz seus estudos de arte dramática em Londres, na Ben Greet Academy of Acting. Mas antes de abraçar a carreira de ator, Greenstreet passou alguns anos no Ceilão, onde foi plantador de chá. Em 1902, estreou como ator profissional na Inglaterra, no papel de Craigen em «Sherlock Holmes». Integrou depois o elemento de companhias teatrais importantes, como a de Sir Herbert Tree. Excursionou diversas vêzes pela Inglaterra e nos Estados Unidos, tendo aparecido nos palcos da Broadway interpretando peças de Shakespeare. Até 1940, Greenstreet limitou suas atividades ao teatro. Nesse ano, apareceu pela primeira vez no cinema em «Relíquia macabra», trocando então definitivamente o palco pela tela. De 1940 a 1946 figurou em numerosas películas, mas depois estêve quase que completamente inativo, por motivo de saúde, até que no ano passado anunciou sua resolução de abandonar o cinema. Agora, despachos de Hollywood nos anunciam seu desaparecimento, aos 74 anos de idade.

Quem conheceu o Greenstreet dos anos melhores, não poderá esquecê-lo. Com seus olhos pequeninos e astutos, nos lábios um sorriso de eterno desprêzo, movendo o corpo colossal, num andar ágil, miúdo e ligeiro, era geralmente a ameaça nos filmes em que figurava. Foi como o vimos surgir em «Relíquia macabra», no papel de um indivíduo enigmático — «o homem gordo» — infatigável na procura do falcão maltês. Ou em «Casablanca», como o «signor Ferrari», o proprietário do café rival do de Humphrey Bogart. Depois, como o

(Cont. na pág. 33)

WARNER BROS.
Com êstes ARTISTAS e com êstes FILMES a WARNER BROS. reafirmará o seu prestígio de Companhia Número Um em 1954!
Um espetáculo de emoções inesquecíveis será
MINHA ESPADA MINHA LEI
(THE MASTER OF BALLANTRAE)
em TECHNICOLOR
ERROL FLYNN
A vida gloriosa de quem se dizia ter nascido com uma canção nos lábios
Gloriosa Consagração
(SO THIS IS LOVE)
em TECHNICOLOR
KATHRYN GRAYSON
Um filme de ação espetacular!
o Monstro do Mar
(THE BEAST FROM 20.000 FATHOMS)
IRREAL! FANTÁSTICO!
PAUL CHRISTIAN
PAULA RAYMOND
CECIL KELLAWAY
KENNETH TOBEY
JACK PENNICK
e ainda:
O PERGAMINHO FATÍDICO
GLENN FORD • PATRICIA MEDINA
LUA PRATEADA
DORIS DAY • GORDON MacRAE
ASSASSINATOS em PROFUSÃO
BRODERICK CRAWFORD • CLAIRE TREVOR
NÓDOA INFAMANTE
FRANK LOVEJOY • JOAN WELDON
em 3ª DIMENSÃO
MUSEU DE CERA (HOUSE OF WAX)
VINCENT PRICE
PHYLLIS KIRK
O melhor espetáculo pela tecnica revolucionaria da 3D!
em WARNERCOLOR
WARNER BROS. A COMPANHIA NÚMERO UM!

Em São Paulo o "BALLET" do MUNICIPAL

Tatiana Leskova, que está fortemente credenciada a fim de ganhar a medalha de ouro de 1953, obteve êxito em São Paulo.

Berta Rosanova que brilhou em São Paulo.

EXCURSIONOU, pela primeira vez, o Corpo de Baile do Teatro Municipal a São Paulo. Conquanto esta iniciativa de há muito se fizesse sentir a necessidade, não foi oportuna a ocasião escolhida. Encontrava-se o «ballet» oficial do Rio em férias, portanto, fora do seu apuro técnico. Quando, em outros tempos, não apenas ocorria o contrário, no tocante à parte técnica mas também se achava integrado por todos os seus valores — o que não sucede no momento — não se cuidou do tão necessário assunto. Conseqüentemente, não poderia ser primorosa esta apresentação, embora seja lícito destacar o esfôrço dos atuais dirigentes do Municipal em quebrar um autêntico «tabu». Entretanto, em nossa opinião pessoal, já que havia êste louvável intento, outro período — anterior ou posterior — deveria ter sido escolhido a fim de que o público paulista tivesse a exata impressão do adiantamento do nosso «ballet».

A razão parece estar do nosso lado quando lemos as críticas das colunas autorizadas da capital bandeirante. Vejamos a do «Estado de São Paulo», escrita por Ritta Mariancic, referente ao espetáculo de estréia:

«O conjunto do Rio sente-se mais a vontade nas danças características, nas composições estilizadas de folclore. Êsse gênero de repertório proporciona maior vitalidade e exige, geralmente, menor virtuosidade. E o espetáculo de estréia ilustrou com precisão êsse estado de coisas. Enquanto as «Silfides» — exceção feita da interpretação assaz brilhante de Bertha Rosanova e de Tamara Capeller — foram um malôgro, «Os Quadros de uma Exposição» foram bem sucedidos tanto pela engenhosidade da coreografia de Vaslav Veltchek, como



Yvonne Meyer dançou o Prelúdio, de Chopin, em um dos espetáculos, evidenciando os seus méritos

pela interpretação. E isso principalmente em relação a «Bydlo», sombras chinesas e extremamente número tratado como um jôgo de plástico. O mesmo pode ser dito em relação a «Samuel Goldenberg et Schmgle», quadro do judeu rico e do judeu pobre, dotados de uma pantomima expressiva e, sobretudo, muito bem dançada por Denis Gray e Artur Ferreira; a «Baga Yaga», sugestivo como um conto de fadas e, enfim, a «Grande Porta de Kiew», de uma feliz estilização folclórica, na qual o corpo de «ballet» não deixou de evidenciar dinamismo.

Em «Dom Quixote», Tatiana Leskova, diretora do conjunto, demonstrou que dispõe, ao mesmo tempo, de técnica e de vivacidade. A dançarina cômica do grupo do coronel De Basil, embora não esteja mais no apogeu de sua arte, sabe, ainda, agradar.

Artur Ferreira fêz o possível para secundá-la nessa difícil coreografia de Petipa.

A terceira parte do programa, «Mascarade», coreografia de Tatiana Leskova com música de Kachaturian é cheia de vida, embora não apresente nada de original.

De certa maneira a homenagem prestada a São Paulo pelo «ballet» do Municipal do Rio mereceria alcançar maior repercussão. Nem por isso, porém, deixa de ser uma expressiva prova de boa vontade.»

Já o sr. Nicanor Miranda, na sua coluna de «O Diário» tanto escreveu trechos de judiciosas observações quanto outros, passíveis também de críticas. No primeiro grupo quando se refere a uma evidente falha de organização do Municipal do Rio em tanto descurar de temas nacionais:

«Mas organismos como os Corpos de Baile dos nossos teatros municipais devem ter, além da finalidade de formar bailarinos e bailarinas, a precípua função de formar coreógrafos e possibilitar a cooperação direta de compositores, cenógrafos, cenotécnicos e libretistas nacionais.

Decorridos vinte e sete anos da fundação da primeira escola de bailado do país — precisamente a do Teatro Municipal do Rio — já é tempo de se começar a cogitar da produção nacional que, conservando ou não características universais, possa constituir patrimônio coreográfico nacional.

Outra particularidade curiosa do Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio é a de possuir um único cenógrafo, o que não acontece em nenhuma companhia ou conjunto do mundo.»



Tamara Capeller, outra das primeiras figuras também triunfante na excursão.

Porém, mais adiante desta sua primeira crônica, trai um sentido regionalista incompatível dêste mesmo sentimento de brasilidade quando, sem propósito, fêz questão de ressaltar no caso do descaso dos temas nacionais para bailados, citar maioria paulista entre os integrantes, assim escrevendo:

« Dos cinco bailarinos solistas, quatro são naturais de São Paulo.»

Agora, perguntamos, em se tratando de conjunto nacional havia necessidade dessa separação? Por outro lado, embora tôda a crítica mereça respeito temos que apresentar dois pequenos protestos. Um dêles é referente ao bailado «Sílfides». Não vamos aqui defender o conjunto do Municipal do Rio. No início desta página ressaltamos que o elenco estava fora de forma. Bem sabemos que, de fato, não poderia dançar bem em São Paulo. Entretanto, há um outro tópico que trai o irredutível regionalismo quando se refere:

«O Corpo de Baile se desempenhou discretamente da parte que lhe cabia, que não é pequena e nem secundária. Mas sem sobre-

(Cont. na pág. 34)



Josemary Brantes dançou «Pas de Quatre», aproveitando a oportunidade.



«Roma às 11 horas», de De Santis, com Carla Del Poggio Lucia Bosé e M. Girotti.

espostos resultados práticos favoráveis às vítimas. Contudo, bem que a análise poderia ir além, deixando de lado o aspecto legal para cuidar da parte mais avançada do tema da fatalidade. No tocante aos desempenhos cabe uma pequena parte do mérito a cada um dos diversos valores do elenco. Todos êles desempenham-se com alta classe das suas incumbências robustecendo, assim, o conjunto: Lucia Bosé, Massimo Girotti, Carla Del Poggio, Lea Padovani (a grande atriz de «Sacrifício de uma vida»), Raff Vallone, Paolo Stoppa, Elena Varzi e outros. Filme italiano, distribuição da R. K. O. — «Rome, ore 11» — estreado no circuito do Plaza.

3 — "FUGINDO AO PASSADO"

Delmer Daves, bom diretor, que vinha ùltimamente pondo seu talento a serviço de filmes comerciais, encontra aqui a oportunidade de redenção de que estava precisando. Dudley Nichols, cenarista de «Amor à terra», o belo filme americano de Jean Renoir, é o autor do «script». E, naturalmente, é o responsável pelo bom nível que a película atinge. Não

CARTAZES

Orientação de JONALD, L. BOLTSHALSER e H. ANDERSEN ★ Em S. Paulo: C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 1 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 1/2 — ótimo e admirável; 3 e 3 1/2 — bom e muito bom; 2 e 2 1/2 — sofrível e regular; 1 e 1 1/2 — fraco; 1/2 detestável; e 0 — inqualificável.

LANÇAMENTOS DO RIO

PRÉ-ESTRÉIA DA SEMANA DE 8 A 15 DE FEVEREIRO

2 — "A VIDA É UMA CANÇÃO"

Temos nesta película uma bonita fotografia em «technicolor», que valoriza algumas paisagens igualmente bonitas, ou trajes de época e a cenografia. É uma dessas películas em que todos cantam, até os que não têm voz, e onde tudo é motivo para canções. Essa cantoria só é tolerável nas produções de Arthur Freed. Responsabilizando-se por esta película, porém, estão não os dançarinos, cantores e atores, diretores e tôda a equipe notável do produtor Freed mas apenas uma Betty Grable, Dale Robertson, John Carrol, Thelma Ritter e o produtor Frank P. Rosenberg mais o diretor Henri Levin, elementos comuns. Assim temos mais uma película apenas passável, que não irrita muito. (Filme americano, da 20 th Century Fox; título original: «The Farmer Takes a Wife»). — De C. M., em São Paulo.

4 — "ROMA ÀS 11 HORAS"

Baseia-se a história em acidente verídico, que ocorreu em Roma, em maio de 1951. Na ânsia de obter um emprêgo, cêrca de 200 moças comprimiam-se na escada de velho sobrado. Fôsse por defeito de construção do prédio ou pela briga que surgiu entre elas, motivada pela disputa do acesso à sala, adveio uma catástrofe. Ruiu a escada e, além de morte, mais de cinqüenta delas ficaram feridas e, muitas, sèriamente. O esquema do filme segue a idéia de crônica realista, tão peculiar ao cinema italiano. Os cinco autores do roteiro, entre os quais o diretor Giuseppe de Santis e o famoso Zavattini, embora algumas acentuações, destinadas a favorecer o estilo da escola peninsular, favoreceram um desenrolar pleno de vivacidade e psicologia. Entretanto, é precisamente êste acúmulo de estudos que, por vêzes, ameaça a espontaneidade geral. A firmeza da direção de De Santis impede qualquer ameaça de quebra de interêsse. Ao contrário, embora as ponderações, o nível da forma é de alta classe. O conteúdo busca uma proposição apenas legal. As autoridades verificam a impossibilidade de apontar a causa ou o principal culpado do acidente e decide-se pelo arquivamento do inquérito. Porém, cabia a busca de algo mais profundo: o fatalismo. Tanto pode ser chamado de acaso do destino quanto o fato pode ser filiado a uma doutrina superior. O fato é que certos males físicos ou morais ou, ainda, o quase impenetrável da própria morte, vêm a prodigalizar direta, indiretamente ou, mesmo (admitindo a eternidade da alma), um amplo benefício. Por várias vêzes, no desenrolar, são

desejamos compará-la com «Amor à terra» — ainda que existam pontos de contacto entre ambos. «Fugindo ao passado» não tem o vigor artístico do filme de Renoir. Não são mostrados aqui fatos extraordinários, mas pequenos incidentes da luta do homem, contra o meio e os elementos, lavrando a terra. A película constitui um dêsses exemplos — raros no cinema americano atual — de filme sincero, um hino à vida rural, em todos seus aspectos, uma exortação ao amor, uma ode singela à natureza. A câmara de Daves acompanha, com igual interêsse, o vôo dos pássaros, a queda de uma fôlha, o sorriso de um menino.

O herói do filme está premido de todos os lados por questões cruciantes: hesita em amar a bela vizinha por respeito à memória da espôsa, a prevenção do ambicioso cunhado da moça, a falta de dinheiro, a teimosia e a doença do avô. Talvez seja precisamente êsse sobrecargo de problemas que tira um pouco da fôrça do filme, tornando-o um tanto dispersivo. Porém, Nichols soluciona tudo apreciàvelmente. E há diálogos belíssimos, — as palavras do avô, antes de morrer — dos mais impressionantes. Dale Robertson, um rancheiro que se tornou «astro» de cinema, é uma «cara nova» que promete. O rapaz não é apenas bom tipo de galã, mas revela-se sincero. Joanne Dru desencumbe-se a contento de sua parte. O veterano Walter Brennan aparece em outra boa atuação. Richard Boone, o «homem mau» da Fox, eficiente, como sempre. Extraordinàriamente bela a fotografia de Lucien Ballard. Ótima também a partitura musical de Sol Kaplan, inspirada harmonização de velhas árias populares. Título original: «The return of the Texan», produção da 20 th Century Fox, estreada na linha do Vitória.

1 1/2 — "SENTINELAS DO DESERTO"

Freqüentemente tem aparecido nas programações cinematográficas dos últimos meses histórias de piratas, legionários, polícias, seguindo a tendência do cinema americano do momento e preenchendo o vazio deixado pelos filmes de guerra . . . São tôdas produções de menor

«Sentinelas do deserto», de Joseph Pevney, com Alan Ladd e Arlene Dahl.



importância, quer seja de forma quer seja de conteúdo. Assim ap...ecenos mais uma aventurazinha no deserto onde há «bravos» legionários! Desta feita quem se fantasiou de legionário (aliás em época propícia . . .) foi o inexpressivo Alan Ladd. Akim Tamiroff e Richard Conte, dois bons atores sem muita sorte, fazem agora parte do «supporting-cast». Arlene Dahl aparece para amenizar os espectadores que não gastam muito destas insulsas peripécias nas regiões do deserto. A trama e sua exposição cinematográfica não apresenta nada de original e por certo não exigirá malabarismos mentais para os costumazes apreciadores do gênero . . . Para quem não aprecia películas de «aventura» e não goste de ver Arlene Dahl, aconselhamos entrar noutro cinema . . . A direção é de Pevney. «Desert Legion», da Universal International, estreado no Plaza.

"NEM SANGUE NEM AREIA" (reprise)

«Nem sangue nem areia» é uma reapresentação que não se justifica, quando existem tantos filmes importantes que o Rio não conhece ou

EM REVISTA

em último caso, obras de valor, mais categorizadas para uma «reprise». A película, como as demais de Cantinflas, não tem absolutamente nada além do cômico. Ademais, pertence a uma época em que um absoluto primitivismo caracterizava os filmes de Cantinflas (hoje um pouco evoluídos), época em que Pedro Armendariz, atualmente um «astro» de projeção internacional, ficava jogado num papel secundário em uma comèdiazinha sem importância. Título original: «Ni sangre ni arena», produção Posa Films, uma reapresentação do Rivoli.

1 ½ — "AS DUAS ÓRFÃS"

O passado merece respeito. Até mesmo os romances típicos do dramalhão de outrora podem ter o seu cabimento, como evocação de uma época. Tudo depende do tratamento e da realização. Não é o que, entretanto, sucede com mais uma refilmagem do velho romance de A. Dennery. Difícil é mesmo dizer quantas vêzes a obra foi transposta à tela. O fato é que esta tragédia está mesmo «demodé» para a nossa época. Entretanto, tampouco ficou aquêle halo do passado, referido há pouco, devido ao exagêro do drama. O êrro partiu do autor do roteiro, que fêz questão de efetuar uma síntese completa de tôdas as intempéries da trama, umas em seguida às outras, sem preparo de ambiente. Tudo para ir em busca de lembranças de angústia. Até parece um filme seriado-dramático condensado para um só espetáculo. Com tôdas as acentuações, o diretor Carmine Gallone sempre defendeu os atores. Auxiliado também pelo esfôrço de cada um, fornecem a única nota distinguível, além da parte técnica da reconstituição. Ali, da Valli sofre muito, mas Maria Denis, na cega, padece ainda mais. Pedro, o aleijado (tipo inspirado na situação do «Corcunda», do clássico romance francês), é personificado por Oswaldo Valenti. O galã é Roberto Villa e Otelo Tosso, um dos vilões. Filme italiano, antigo, distribuição Art Films. Estreado no Art Palácio.

«Fugindo ao passado», de Delmer Davis, com Joanne Dru e Dale Robertson.





«As duas órfãs», de Carmine Gallone, com Alida Valli e Maria Denis.

1 ½ — "AMAR FOI O SEU PECADO"

É título de mais um dramalhão mexicano, com uma inconsciente narrativa cinematográfica e um fraco trabalho diretorial. Como todos os dramas do gênero é a história chorosa de um amor proibido, graças ao argumentista que tudo faz para torná-la assim, e ter possibilidade de preencher o tempo necessário de uma produção de longa metragem. Depois de doenças, eutanásia, quase adultério, muitos amplexos, etc., etc., tem-se a solução final, isto é, a redenção. A frase de publicidade resume o filme: « o direito de matar» ou «o direito de viver na história de uma mulher que amou!» . . . Elsa e Alma Rosa Aguirre, Jorge Mistral e Andrés Soler são os «astros» de maior evidência. R. A. Gonzalez Jr. é o realizador. Filme da Pelmex, «Amar fue su pecado», estreando no Azteca.

LANÇAMENTOS DE S. PAULO

ENTRE OS DIAS 21 E 28 DE FEVEREIRO

De acôrdo com a diretriz adotada, os filmes que são estreados no Brasil, em São Paulo, serão comentados em A CENA nas vésperas do seu lançamento no Rio ou na própria semana, conforme o caso de hoje, com «A vida é uma canção», analisado na página ao lado, no setor do Rio. Dos demais, passamos a dar, provisòriamente, apenas a cotação dos principais e o registro dos menos credenciados:

3 — **«OS MAL ENCARADOS («Ambush at Tomahakc». Columbia)** — De Fred M. Sears, com John Dereck, Maria Helena Marques e John Hodiack.

2 ½ — **«A CIDADE SE DEFENDE» («La Citta si Defende». Art Films)** — De Pietro Germi, com Paul Miller e outros.

2 — **«A MALDIÇAO DE CAIM» («Two Cities»)** — De Brian Desmond Hurst, com Eric Portman e Sally Gray.

1 ½ — **«CANDINHO» (Vera Cruz. Brasil)** — De Abílio Pereira, com Mazzaropi e Mariza Prado.

REGISTROS DE SÃO PAULO

«A ILHA DOS HOMENS SEM ALMA» (RKO) — Com James Warren e Lynne Roberts, sob a direção de Harold Daniels. Já exibido no Rio.

«A REBELDE DE NAPOLES» — Filme italiano, dirigido por Guido Brignone e interpretado por Massimo Seratto, Ana Maria Ferrero e Nely Corradi. Filme de «capa e espada». Art Films distribui.

«O TESOURO DO CONDOR DE OURO» — Refilmagem. Direção de Delmer Daves, com Cornel Wilde, constance Smith e Anne Brancroft. Em «technicolor».

«FORTE DA CORAGEM» — Aventuras. Elenco: Yvonne de Carlo, Carlos Thompsom e Raymond Burr. Diretor: Lesley Selander. United Artists. Já exibido no Rio e comentado em A CENA.

EM REPRISE

«ANJO PERVERSO» («Manon») — Reapresentação da discutida película de Henri George Clouzout, que lançou Cécile Aubry. Inferior, embora de gênero opôsto, ao inteligente ciclo policial do famoso diretor. Destaca-se a seqüência final e o desempenho de Cécile Aubry. (França Filmes).

...m um dia de apuração q... ...na A.B.R. a rica cor... ...ornará a cabeça de ... ...estades... como podem ver os leitores, o interêsse foi geral...

ROGÉRIA ESTÁ VENCENDO O CONCURSO DA RAINHA DO RÁDIO

Caminhamos para o final do grande concurso «Rainha do Rádio de 1954». Até esta data difícil se torna qualquer prognóstico quanto à futura «soberana». Reunindo nada menos de quatorze candidatas, não erraremos ao dizer que o atual pleito se prenuncia como um dos mais difíceis de quantos se tem conhecimento. Isto porque, havendo uma distribuição equitativa de fôrças, as concorrentes ao título magno do rádio se sentem mais dispostas a lutar em busca da vitória. E' inegável que se de um lado se apresentam «cartazes» autênticos, como é o caso de Ângela Maria, por sinal «Princesa do Rádio de 1953», há, de outro, o incentivo das «fans» de nossos novos valores, o que por certo muito valerá, como nos casos de Carmen Déa ou Marlene Matos, por exemplo.

VERDADEIRA RAINHA

Como já é do conhecimento público, à candidata eleita caberá como primeiro prêmio uma viagem a Holiywood ou Paris, o que, sem dúvida, agradará plenamente. Entretanto, querendo dar um toque real ao certame dêste ano, a A.B.R., por nímia gentileza da Joalheria Santa Cecília, oferecerá à candidata eleita uma coroa de ouro, pérolas e brilhantes, que ficará de posse definitiva da «rainha». Êste mimo, verdadeira obra artística de ourivesaria, está em exposição nas vitrinas daquela casa comercial.

Portanto, fácil é avaliar o interêsse das concorrentes a tão cobiçados prêmios, a par da vontade que as mesmas nutrem em colaborar com as obras de construção do Hospital dos Radialistas.

Tôdas as quintas-feiras, às 16,00, em sua sede, a A.B.R. vem realizando as apurações do concurso por ela instituído anualmente. A cada semana, nota-se maior afluência do público amante do rádio e sua gente, bem como surgem surprêsas as mais interessantes possíveis. A última apuração forneceu o seguinte resultado: 1º — Rogéria: 300.000 votos; 2º — Ângela Maria, 231.000; 3º — Marlene Melo, 165.534.

O REI DO DISCO HOMENAGEIA O REI DA VOZ

Reportagem de MARVEL, esxclusiva para «A CENA»

CARLOS GALHARDO GRAVOU O SAMBA QUE FRANCISCO ALVES IA GRAVAR QUANDO MORREU.

Numa eleição honesta, em que não houve nem poderia haver, qualquer espécie de "cabala", recebeu o título de "Rei do Disco" de 1953, o cantor Carlos Galhardo. O resultado foi baseado simplesmente na vendagem de discos. Assim foi eleito o cantor que mais discos vendeu durante o ano de 1953: Carlos Galhardo.

Foi, sem dúvida, uma vitória justa e merecida, pois êle é um cantor de muita regularidade. Todos os seus discos fazem sucesso, pois está evidenciado pela vendagem.

HOMENAGEM A CHICO ALVES

Quando Francisco Alves naquela fatidica viagem de São Paulo para o Rio, sofreu o trágico desastre, vinha além de suas audições na Nacional, para gravar suas músicas para o Carnaval. O desastre ocorreu no sábado e na têrça-feira, Chico iria gravar na Odeon o samba de José Roy e Newton Teixeira "Dinheiro é pra gastar".

Êste samba não foi mais gravado por ninguém e êste ano, em homenagem ao companheiro falecido, Galhardo resolveu gravar a música, que êste com gôsto para advinhar as músicas de sucesso, soubera escolher.

PRESTÍGIO DE UM NOME

Quando Galhardo saiu da Nacional, muitos pensaram que estava terminada a carreira do cantor. Há muita gente que pensa, que quem sai da Nacional, morre para o público. Nada mais errado, pois se a PRE-8 dá muito prestígio aos cantores, há muitos cantores que dão prestígio à uma emissora onde atuem.

O caso de Carlos Galhardo é assim, pois mal saiu da Nacional, foi logo contratado pela Tupi no Rio e pela Record em São Paulo. Na Tupi, seu programa foi lançado às sextas-feiras, às 20,30, bem no horário do programa "Edifício Balança mas não cai". Pois apesar disso, o nível de audiência dos programas de Galhardo, é um dos maiores da estação associada.

Em São Paulo, Galhardo atua às têrças e quartas-feiras, na Rádio Record e TV-Record e seus programas são dos mais ouvidos da paulicéia.



Francisco Alves continua sendo reverenciado «post-mortem»



Paulette Marçal mantém a forma física

entrevista relâmpago com PAULETTE MARÇAL

De CARLOS DOMINGUEZ exclusivo para «A CENA

PEGUNTA: — O que a fêz se tornar uma artista?

RESPOSTA: — Loucura pelo palco. O teatro sempre foi minha obcessão, desde que me conheço.

P.: — E o cinema, não exerce nenhuma atração sôbre sua pessoa?

R.: — Antigamente não, mas agora sim, e muito. O cinema é mais real, possui mais emoção, diálogos melhores e a publicidade é muito mais bem organizada. O campo cinematográfico é muito mais amplo do que o teatral, que é sempre restrito.

P.: — Isto significa que prefere cinema ao teatro?

R.: — Atualmente, sim. Não tenho mais dúvidas a respeito.

P.: — Que gênero de teatro prefere?

R.: — O de revista, por divertir mais e têr mais público.

P.: — E do cinema?

R.: — Não tenho preferências, basta que a pelicula seja bem realizada, seja qual fôr o gênero: dramático, cômico, musical, etc...

P.: — Que tipo gostaria mais de representar no cinema?

R.: — A ingênua.

P.: — Quais são as suas aspirações para o futuro, no campo artistico ?

R.: — Tornar-me uma grande "vedette" (daqui há muitos anos).

P.: — Que julga que lhe falte para isso ?

R.: — Muita coisa. Em primeiro lugar: talento; e também, é claro: muita prática, mais desembaraço.

P.: — Acha que a sua beleza é um fator positivo ou um fator negativo para o sucesso na carreira que adotou ?

R.: — Em primeiro lugar não me considero um tipo de beleza. O verdadeiro impecilho é a minha pouca idade; acompanhada do pouco tempo que possuo de teatro e a mínima experiência que tenho. Todos têm um certo receio de me entregarem papéis maiores. No cinema, por exemplo: só pequenos papéis têm me oferecido, como a de "Balança mas não cai", da Mauá Cinematográfica.

P.: — Quais são os seus artistas teatrais preferidos no Brasil ?

R.: — Como ator, minhas preferências vão para Procópio e como cômico: para Mesquitinha.

P.: — Por que razão ?

R.: — Procópio, porque possui *tudo* que um ator do seu gênero precisa ter e Mesquitinha, porque apenas a sua entrada em cena, basta para nos cativar e prender à sua fantástica arte e talento histriônicos.

P.: — E das atrizes, quais lhe agradam em maior quilate?

R.: — No gênero-revista: Virginia Lane, indubitàvelmente é o máximo que se pode exigir, pela correção, malicia, porte e desembaraço extremos. Por sua vez, no gênero-comédia, prefiro Eva Todor, pois ela permanece como minha primeira impressão teatral. Gosto dela desde os tempos da infância.

P.: — E no cinema, quem acha que possui as mais completas qualidades artisticas ?

R.: — No cinema nacional: Anselmo Duarte (como galã), e mesmo Procópio (como ator, pela sua versatilidade) e Tônia Carrero (tanto como atriz perfeita, como pela sua elegância, "it" e beleza fabulosos). No cinema internacional: Ingrid Bergman (atriz remarcável no cinema e extraordinária mulher na vida real); Joan Crawford (para mim, ela possui o "charm" supremo, jamais igualado); Maria Felix e Gina Lollobrigida (como belezas rarissimas), entre as representes do "sexo frágil"; e Gregory Peck, o melhor e único, entre os do chamado "sexo forte".

P.: — De seus companheiros de trabalho, qual a impressiona mais e por quê ?

R.: — Grande Othelo (São Cipriano), pelo seu empenho em ajudar a todos, em tudo quanto pode, pelo seu extraordinário talento, pela sua bondade e pelo seu bom humor inigualável.

P.: — Que pensa dos vários concursos que recentemente vêm sendo levados a efeito ?

R.: — A sua principal vantagem reside no fator "publicidade", haja visto a fama que os citados concursos trouxeram para Thais Bellini e Ester Tarcitano (rivais belicosas em tôrno do título de "Miss Objetiva"), Marly Sorel (Rainha do Cinema Brasileiro), Inalda de Carvalho ("Miss Cinelândia") e outras. Pena que haja tanta "marmelada"...



Elegante e graciosa. Paulette está cumprindo uma vitoriosa carreira.

TEATRO de O. de OLIVEIRA

MÚSICA

ELEITOS OS MELHORES DE 1953

Dos mais renhidos, de quantos se efetuaram até à presente data, foi o pleito da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, a fim de laurear os melhores de 1953. Basta dizer que, com exceção de três dos prêmios, os conferidos a Guilherme Figueredo, Miriam Teresa e Carlos Murtinho, todos os demais sòmente conseguiram a ambicionada medalha de ouro no segundo escrutínio. O resultado geral foi o seguinte:

MELHOR ATRIZ — No 1º escrutínio, Lourdes Mayer conseguiu 34 contra 28, de Laura Suarez e, no segundo, Lourdes venceu, com 35, contra 32 da sua colega. Outros votos, em menor escala, foram dados a Sônia Oiticica, Alda Garrido e Suzana Negri.

MELHOR ATOR — No 1º escrutínio, André Villon 34, contra 21 de Sérgio Cardoso e 12 para Odilon. no Nº, Villon cresceu para 43, contra 23 de Cardoso e dois para Odilon.

MELHOR AUTOR — Entre os raros que lograram vencer inicialmente, Guilherme Figueredo conquistou 39 votos, seguido de Magalhães Júnior, com 18 e Silveira Sampaio e Léo Vítor, dois votos cada.

MELHOR DIRETOR — No 1º escrutínio, José Maria Monteiro obteve 33, contra 14 de Bibi Ferreira, 9 de Rodolfo Mayer e quatro de Sérgio Cardoso e Mário Brasini, tendo Henriette Morineau logrado 2.

MELHOR CENÓGRAFO — Na primeira votação, Darcy Evangelista marcou 31 votos, seguido de Anízio, com 16. Na segunda, alcançou 39, contra 16 de Anízio. Obtiveram também votação menor: Nilson Pena; Santa Rosa e Luciano Trigo.

PRODUTOR DE ESPETACULO MUSICADO — Zilco Ribeiro, por apenas um voto, conforme vários outros (35) deixou de ser sufragado, contra 17, de Carlos Machado e 16, de Válter Pinto. No segundo cômputo, obteve 42, ficando Carlos Machado com 13 e Válter Pinto com 12.

REVELAÇÕES — Miriam Teresa (atriz) e Carlos Murtinho (diretor), respectivamente com 36 e 43 foram escolhidos como revelação. No segundo, Leonardo Villar (ator) também c conseguiu, não tendo sido eleito o autor-revelação, devido a divisão de votos entre J. Gama, Léo Vítor e Paulo Costa.



Os atores vencedores das medalhas oficiais de 1953: Lourdes Mayer e André Villon.



A «estrêla» Leny Eversong ouve atentamente o compositor N. de Brito, de quem gravará o samba-canção «À margem da vida», enquanto o repórter espera a vez, para mostrar-lhe «Encontros», outro samba-canção.

DISCOS NOVIDADES

EDEL NEY



Myriam, a revelação de atriz, pelo seu desempenho em «Cupim».

GEORGE KENNY, organista mundialmente conhecido, interpretará no seu l. p. Regente de estréia, os êxitos da música popular brasileira: «Copacabana», «Minha casa», «Murmurando» e «Carinhoso».

—//—

LEO ROMANO, uma das bonitas vozes de S. Paulo — possui grandes fãs em todo o Brasil — está aparecendo muito bem com o seu disco carnavalesco Sinter. Será, possìvelmente, um dos campeões carnavalescos do Centenário, não sòmente com a sua batucada «Zum zum», mas, também, com a marcha «O americano», inspirada no tão falado filme que deveria ser rodado em nosso país por uma emprêsa cinematográfica americana.

—//—

«As cantigas de roda», gravada por PAULO TAPAJÓS, nos discos infantis Carroussel, tiveram as suas vendas triplicadas, durante o mês de dezembro. Passados os festejos natalinos, entretanto, as vendas continuam muito boas, pois estão sendo cada vez melhor distribuídos por todo o Brasil, atingindo a infância dos mais distantes rincões. Ainda esta semana, PAULO TAPAJÓS começará a gravar o Suplemento relativo a março/abril, para o qual estão reservadas sensacionais novidades.

—//—

MURILO DE ALENCAR, como tantos outros cantores, veio do Rádio mineiro tentar o carioca. Graças à sua bela voz e personalidade, não lhe foi difícil ingressar na PR-NENO, que o tem apresentado em seus melhores programas. Há muito que MURILO DE ALENCAR vem chamando a atenção de nosso público e, foi sem surprêsa, que soubemos do seu ingresso na Sinter, para a qual gravará, logo após o carnaval. Uma de suas músicas escolhidas, desde já, é o samba-canção «Flor da noite», do cronista Dirceu Ezequiel, que, assim, estreará também no disco.

—//—

ZILA FONSECA, em dupla com o novato CAUBI PEIXOTO, já gravou na Colúmbia seu disco post-Momo. Na face A, levou à cêra o grande sucesso atual dos Estados Unidos, «Vaya con Dios». No acoplo, o baião «Elvira».

PÁGINA DO Leitor

direção de LONG-SHOT

A «DIVINA» GARBO

EIS aqui uma lista completa dos filmes interpretados por Greta Garbo nos 18 anos de sua carreira artística:

1) «A saga de Costa Berling» (Suécia, 1923); 2) «A rua sem alegrias» (Alemanha, 1925); 3) «Laranjais em flor» (Hollywood, 1926); 4) «Terra de todos», com Lionel Barrymore (1927); 5) «A carne e o diabo», com John Gilbert (1927); 6) «Ana Karenina», com John Gilbert (1927); 7) «Mulher divina», com Lars Hanson (1928); 8) «A dama misteriosa», com Conrad Nagel (1928); 9) «Mulher singular», com Nils Asther (1928); 10) «Mulher de brio», com John Gilbert (1929); 11) « Orquídeas silvestres », com Nils Asther (1929); 12) «O beijo», com Lew Ayres (1929); 13) «Ana Cristie», com Charles Bickford (1929 — êste foi o seu primeiro filme falado); 14) «Romance», com Lewis Stone (1930); 15) «Inspiração», com Lewis Stone (1931); 16) «Susan Lennox», com Clark Gable (1931); 17) «Mata Hari», com Ramon Novarro (1932); 18) «Grande Hotel», com John Barrymore (1932); 19) «Como me queres», com Melvyn Douglas (1932); 20) «Rainha Cristina», com John Gilbert (1934); 21) «O véu pintado» (1934); 22) «Ana Karenina», com Frederic March (1935 — 2ª versão); 23) «A dama das camélias», com Robert Taylor (1936); 24) «Maria Walewska», com Charles Boyer (1937); 25) «Ninotchka», com Melvyn Douglas (1939); 26) «Duas vêzes meu», com Melvyn Douglas (1941).

V. A. PAULON

RUTE DE SOUZA

O coadjuvante vem merecendo, nestes últimos anos, um papel preponderante na cinematografia nacional. De simples preenchedor de elenco, cuja presença era ùnicamente para secundar o «astro» ou a «estrêla» principal, passou a dividir com êstes as honras da aclamação dos críticos e do público. Não raro é vermos o coadjuvante suplantar, em interpretação, a figura principal do filme. Uma grande atriz, que vem merecendo a nossa atenção, e que muito me orgulho de referir como exemplo dessa afirmativa é RUTE DE SOUZA. Foram suficientes 3 películas para lançá-la no Brasil e no exterior como verdadeira fôrça de intensidade dramática. « Terra é sempre terra », «Angela», e recentemente «Sinhá Moça», premiado no festival de Veneza, foram filmes em que ela participou e que, por suas excepcionais «performances» em todos êles, nos fará sempre recordá-la. Em «Sinhá Moça», sua atuação foi tão marcante que por pouco não arrebatou o «Leão de São Nicolau», como a melhor atriz no festival de Veneza. Creio, entretanto, que, no Brasil, ela será considerada a melhor atriz de 1953, pois de todos os filmes nacionais exibidos não teve uma atriz que a suplantasse, e é justo reconhecer o seu valor.

LUIZ BONIFACIO
(Belo Horizonte)

REFILMAGENS (Cont. da pág. 5)

vivida de maneira impressionante por uma atriz insubstituível — Falconetti. A Dreyer coube a realização da película e conta-se que durante a filmagem os próprios técnicos choravam de emoção, tal a beleza, sinceridade e realismo desta notável obra.

Então em 1948, Victor Fleming dirige Ingrid Bergman numa nova versão americana. Mais tarde, a atriz, vendo o trabalho de Falconetti na «A paixão de Joana D'Arc», ficou maravilhada, confessando que jamais teria a ousadia de tomar tal papel se tivesse antes visto o famoso filme de Dreyer.

Entre as primeiras produções francesas contam-se alguns filmes históricos, entre os quais «Quo Vadis». Laurent Helbronn filmou a película. Em 1909, Louis Aubert funda uma casa para espetáculos de cinema. Entre os filmes que iria exibir e constituíam um movimento de «filmes de arte» estava um novo «Quo Vadis», agora produzido pelo cinema italiano. Seguiu-se outro «Quo Vadis» filmado no próprio local onde se desenrolara o drama, segundo Sienkiewicz. Jacoby rodou também «Quo Vadis» tal o sucesso da anterior versão de Guazzoni.

Apesar de Jannigs, famoso ator alemão, ter feito Nero nesta versão, o filme constituiu até certo ponto uma decepção. E comercialmente não atingiu o alto nível lucrativo dos seus predecessores.

Há ainda no cinema um sem número de «Damas das Camélias», em versões de várias nacionalidade. Há até mesmo uma «Dama sem Camélia», vivida por Lucia Bosé.

Conde de Monte Cristo é outro personagem nunca esquecido dos produtores cinematográficos e tal o seu êxito no cinema que apareceram os «Filho de Monte Cristo», «A Condêssa Monte Cristo», «O Herdeiro de Monte Cristo», etc.

Alguns maravilhosos personagens produzidos pela imaginação humana jamais irão a tela, talvez possamos considerar isto uma verdadeira felicidade para o autor, dado o baixo nível das películas que exploram seguidamente o mesmo tema visando apenas o êxito de bilheteria.

DE TODO MUNDO (Cont. da pág. 24)

Pela terceira vez que Frank Sinatra anuncia que não atuará em «Waterfront». Não é que o papel desagrade, mas Frank acha que Marlon Brando, no mesmo filme está melhor servido que êle.

Ginger Rogers que partiu para a Inglaterra, depois França e Espanha a fim de trabalhar em «Twist of fate», levou consigo o marido, Jacques Bergerac. As más línguas dizem que o rapaz acompanha a espôsa na doce esperança de que ela consiga para êle um papel, no mesmo filme.

CENA FINAL (Cont. da pág. 25)

aliado de Peter Lorre na caça ao misterioso Dimitrios, caça que se estende por tôda a Europa, de Estambul a um bairro excuso de Paris, onde Dimitrios deixa finalmente cair sua máscara. Outro bom desempenho de Greenstreet foi em «Conflitos dalma», um trabalho discreto e eficiente. E em «Três desconhecidos», a maior oportunidade de sua curta carreira cinematográfica, como o desonesto curador de bens, que quer salvar sua honra com um prêmio do Sweepstake, e que acaba matando para obter o bilhete.

Greenstreet não era precisamente o que se possa qualificar de ator versátil. Era êle mesmo, mas tinha o dom de fazer com que todos os papéis que desempenhava servissem exatamente às suas medidas. Quem o viu em «A máscara de Dimitrios», e depois leu o romance, não pode imaginar outro tipo para o papel. Nem esquecer aquêle homem rotundo, de voz macia, que apontava calmamente a pistola para Peter Lorre, confessando cìnicamente ter horror às armas de fogo.

CINE RESPOSTAS

HAESSE (S. Paulo) — Agradeço a sua carta, que foi alvo de minuciosa atenção. Entretanto necessário é que conheça uma das dificuldades de ampliar as páginas destinadas ao cinema brasileiro: a falta de material adequado. Luta-se com enorme dificuldade a respeito e o tema ainda foi mais agravado, no presente momento, com a crise que envolveu o cinema brasileiro. Pelo mesmo motivo estão as «contra-capas» a que se refere. Entretanto, tão pronto se resolvam os pontos citados e o seu desejo, que também é nosso, será atendido. Grato, também, pela colaboração mas, infelizmente, apesar de solicitada, não foi possível obter fotografia de Paulo Geraldo. Se o caso não mudar, até os próximos números, será a crônica publicada mesmo sem a foto.

PAULO LEONEL (Bauru) — As suas músicas foram entregues ao redator de rádio de «A CENA», sr. Edel Ney. Inclusive contei o caso de Dick Farney. Deve aguardar um pouco mais pois assim que Edel fiver uma solução a transmitirei por intermédio de «Cine Respostas».

ANTÔNIO BIVAR (Usinas Junqueiro) — Maria Fernando, Vera Cruz, rua Major Diogo 311, São Paulo; Emílio Castelar, aos cuidados da Multifilmes, rua Martin Francisco 303; Roberto Batalin não está filmando presentemente. Poderá enviar a carta para «A CENA», aos cuidados do sr. Sanin que se dá pessoalmente com êste ator; De Lia Cortese e Ana Beatriz, não temos os rumos exatos do cinema mento. Patrícia Lacerda retirou-se do cinema.

MARIA JOSÉ F. DE OLIVEIRA (Três Rios) — Já pedimos ao Edel Ney a fim de avistar-se com Maria Helena, da Mayrink Veiga e muito grato por tudo.

LEITORA DE BELA VISTA (Mato Grosso) — A reportagem com Yvonne De Carlo depende de material inédito e ainda pode demorar um pouco. Quanto a foto, para muito breve. Agradecemos as amáveis referências. Quanto as canções, no momento não há espaço.

MARINA IRENE (Recife) — Parabéns e muito grato. Reportagem de Richard Burton assim que obtiver material. «Para você cantar» foi extinta pelo meu antecessor. Volte sempre. Sairá no próximo número.

RICARDO DE OLIVEIRA FILHO — Boa notícia para a sua opinião. O primeiro dos que citou já está colaborando em «A CENA». Veja, no presente número, a sua estréia na página 31, entrevistando Paulette Marçal. Vai ser publicada a sua colaboração — está na «fila» — e sairá dentro em breve.

LUÍS GONZAGA DE SOUZA (Manaus) — Parabéns pela sua persistência. Curioso como conserva a admiração por Deanne Durbin, mesmo após a mesma se ter afastado da tela. Por êste motivo e pela falta de novas fotos, é difícil uma reportagem, mas havendo oportunidade e bom assunto, sairá da sua tão querida.

DURVALTÉCIO DE ARAÚJO FONSECA — Entreguei o seu caso ao diretor da emprêsa. Tenha a bondade de aguardar a solução na próxima «CINE RESPOSTAS». Com a publicação de «filmes de cow-boys» esgotaram-se as colaborações enviadas.

QUER SER ESCRITOR?



Livro indispensável aos que desejam iniciar-se na Literatura nacional.

●

Em tôdas as livrarias e pelo Reembôlso Postal, Editorial Andes, Largo da Carioca, 11 — Rio de Janeiro. Preço: Cr$ 50,00.

A HIGIENE ÍNTIMA TAMBÉM CONTRIBUI PARA A SUA

Beleza!

Metrolina

ANTISSÉPTICO GINECOLÓGICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

EM S. PAULO

(Cont. da pág. 27)

pujar o trabalho de outros poucos conjuntos nacionais que têm dançado «As Sílfides.»

Ora, francamente, embora as restrições, não é cabível dizer que os desempenhos de «outros» conjuntos (referindo-se certamente aos paulistas) tenham sido melhores ... Sem constituir nenhum desdouro ao inegável sentimento artístico bandeirante, no tocante a arte, basta dizer que, até há poucos meses, isto é, antes da inauguração do «Ballet do IV Centenário», a grande capital paulista jamais possuíra «ballet» profissional, enquanto que há 27 anos isto acontece no Rio. Há pouco A CENA teve ocasião de tecer os mais justos louvores à primeira organização de «ballet» profissional — na exatidão do vocábulo o referido «ballet» do IV Centenário — cujos ensaios tivemos ocasião de presenciar. Entretanto, êste conjunto ainda não se apresentou ao público e, muito menos, inclui «Sílfides» no repertório. Afinal, todos os comentários são cabíveis desde que êste tão velho caráter «jacobinista», de comparações regionais, esteja ausente. Afinal, não estamos no Brasil e tudo que se refere a progresso artístico do país necessita de barreiras estaduais?

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......
NOME.........................
RUA.................... Nº.....
CIDADE........................
ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

ROSTOS DE MULHER

(Cont. da pág. 11)

As dominadoras que seguem uma diretriz e conseguem o desejado também têm o seu lugar no mundo cinematográfico — é como muitas vêzes Joan Crawford tem aparecido na tela. Barbara Stanwyck, possuidora de poder e liberdade graças a herança de uma fortuna, torna-se a opressora dos que lhe estão próximos, assim apareceu em «Sory, wrong number» («A vida por um fio»).

O tipo mimado também tem tido seu lugar chave nos filmes e Iracema Dilliam criou um personagem com estas características em «Canção no Bosque».

A maternidade tem tido dignas representantes em várias películas. A camponesa, acostumada ao árduo trabalho do campo, curtida pelo sol, com o rosto marcado pelas rugas, defendendo seus filhos a qualquer preço numa reação instintiva que a coloca o mais próximo possível da natureza, apareceu no famoso «Vinhas da Ira» ou em «Céu sôbre o pântano».

A mulher que trabalha aparece vez por outra e em «Au-delè des Grilles», se vê separada do marido tendo que sustentar-se e a filha, e é de maneira aprimorada vivida por Isa Miranda. Entretanto em «Le Point dù jour» Loleh Bellon trabalha para adquirir sua independência. Já Leslie Caron em «Lilli» é uma inexperiente provinciana que muito desajeitada não consegue encontrar um emprêgo, meiga e delicada acaba nos braços de Mel Ferrer.

Atualmente estão em moda as «bombas atômicas» como Lollobrigida, Pampanini, Jane Russell e Marilyn Monroe, que passaram a ser sinônimo de sedução dentro e fora da tela ...



QUÊDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE
ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Hà cinqùenta anos

Rhonda Fleming, uma Cleópatra que vem sendo muito sugerida para as festas de carnaval, conforme figurou em «A Rainha do Nilo», da Columbia.



Arlene Dahl que figura nas páginas coloridas do próximo número, entre as 10 mais lindas «estrêlas» do cinema. Reserve, desde já, o seu exemplar.